

MAPEAMENTO DO ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL EM *LONGEVIDADE* 2026

#01 UM ECOSSISTEMA EM MOVIMENTO

O QUE 296 ORGANIZAÇÕES REVELAM SOBRE A INOVAÇÃO SOCIAL EM LONGEVIDADE NO BRASIL

Setembro 2026

LabNova Longevidade · ASHOKA · Beja® · RDsaúde · Itaú viver mais

UM ECOSSISTEMA EM MOVIMENTO

O que 296 organizações revelam sobre a inovação social em longevidade no Brasil

Mapeamento do Ecossistema de Inovação Social em Longevidade 2026
Setembro/2026

“O Mapeamento é uma inovação em si. É a primeira vez que treinamos uma IA para fornecer um diagnóstico personalizado para todas as organizações participantes com base nos critérios adotados globalmente pela Ashoka e por sua iniciativa de Nova Longevidade para reconhecer empreendedores sociais contribuindo com impacto sistêmico para o campo da longevidade. Além disso, cada organização recebeu recomendações de conexões também geradas por IA treinada pelo Lab, uma antecipação a uma das demandas do ecossistema de acordo com o primeiro relatório do Mapeamento 2026. Isso só foi possível porque atuamos no Brasil com formato de laboratório, graças ao apoio de parceiros dispostos assumir riscos e inovar conosco”
Marília Duque, liderança Lab Nova Longevidade / Ashoka

"O Brasil está envelhecendo, mas o ecossistema de soluções voltadas à longevidade ainda é fragmentado. Para a RD Saúde, o compromisso vai além do negócio. O mapeamento desse cenário é uma aposta na inteligência coletiva como vetor de transformação. Partimos da premissa de que muitas respostas já existem nos territórios — e que o desafio está em conectá-las, fortalecê-las e potencializar seu impacto."
Bruna Lima, gerente executiva de Impacto Social da RD Saúde

“O 2º mapeamento do Lab Nova Longevidade parte do reconhecimento de que o campo da longevidade no Brasil já opera como um organismo vivo. Mais do que um conjunto de iniciativas, estamos diante de uma infraestrutura em formação, feita de relações, práticas e saberes que se conectam e geram valor coletivo. Ao olhar além de projetos isolados, o mapeamento nos permite fortalecer essa infraestrutura como bem público, ampliando sua capacidade de produzir inteligência coletiva, sustentar a diversidade de atores e avançar em direção a formas mais colaborativas e multissetoriais de governança”
Cristiane Sultani, fundadora do Instituto Beja

“Estamos felizes em apoiar o lançamento do 2º Mapeamento do Lab Nova Longevidade, pois se trata de uma iniciativa alinhada a um dos principais compromissos do Itaú Viver Mais: gerar conhecimento de referência e apoiar a sociedade civil, a academia e a iniciativa privada a responderem de forma eficaz a essa transformação que o país vem vivenciando. Entendemos que não se trata apenas de viver mais, mas de garantir que essa jornada aconteça com dignidade, segurança e inclusão”,
Luciana Nicola, diretora de Relações Institucionais e Sustentabilidade do Itaú Unibanco.

Introdução: do diagnóstico à infraestrutura do ecossistema

Em 2024, o primeiro Mapeamento do Ecossistema de Inovação Social em Longevidade permitiu conhecer quem estava transformando o campo da longevidade no Brasil, onde essas iniciativas atuavam e quais desafios e oportunidades emergiam desse ecossistema. Em 2026, o Lab Nova Longevidade e a Ashoka deram um passo adiante: o Mapeamento deixa de ser apenas um diagnóstico do ecossistema para começar a **funcionar como uma infraestrutura** a serviço dele — capaz de produzir evidências, dar visibilidade às iniciativas e criar condições para novas conexões e colaborações.

Essa mudança se materializa em respostas práticas. Cada organização mapeada recebe um diagnóstico individual apoiado por Inteligência Artificial treinada pelo Lab Nova Longevidade, estruturado a partir de critérios de inovação social da Ashoka, princípios de Nova Longevidade e da Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade da Ashoka; passa a integrar um motor de busca aberto, com uma página própria que torna atores e soluções encontráveis; e recebe recomendações de conexões estratégicas, buscando aproximar organizações a partir de desafios, territórios, recursos e capacidades complementares.

> *"Muito interessante transformar as perguntas que respondi em um relatório estruturado, ajuda na reflexão e na própria narrativa." – organização mapeada*
>
> *"O diagnóstico foi muito relevante, pois ajudou a reconhecer a iniciativa não apenas como uma ação de inclusão digital, mas como uma tecnologia social com potencial de replicação, institucionalização e contribuição para o ecossistema da Nova Longevidade." – organização mapeada*
>
> *"As devolutivas foram claras, relevantes e contribuíram para ampliar a visão sobre a iniciativa, trazendo sugestões que poderão fortalecer seu desenvolvimento e sustentabilidade." – organização mapeada*

Essas respostas práticas anteciparam questões que os próprios resultados do Mapeamento 2026 tornaram mais evidentes. Diferentes modalidades de redes apresentam presença expressiva na base, 65,88% das organizações participam de grupos de WhatsApp dedicados à longevidade e 49,32% apontam redes como um recurso que podem trazer para o ecossistema. Ainda assim, a colaboração entre setores é identificada como a principal barreira para o desenvolvimento do campo por 35,47% das respondentes. A falta de visibilidade também aparece como o terceiro maior desafio das próprias organizações (10,81%). O desafio sugerido pelos dados, portanto, não é apenas ampliar conexões, mas criar condições para que elas possam se converter em colaboração entre setores e tornar mais visíveis atores, soluções e capacidades presentes na amostra.

Assim, mapear deixa de significar apenas identificar e analisar atores. Passa também a significar tornar o ecossistema encontrável para si mesmo, devolver inteligência às organizações e criar condições para que capacidades distribuídas possam se transformar em aprendizagem, colaboração e ação coletiva.

É a partir dessa perspectiva — compreender o ecossistema, devolver inteligência a seus atores e identificar caminhos para ampliar sua capacidade coletiva — que apresentamos, a seguir, os principais resultados do Mapeamento 2026. A análise parte de 10 insights transversais, aprofunda os dados em quatro seções analíticas e termina devolvendo ao campo 12 perguntas norteadoras para o avanço do ecossistema.

Estrutura do relatório

1. Sumário Executivo — 10 Principais Insights do Mapeamento 2026

Síntese transversal dos principais achados, construída a partir de convergências e tensionamentos entre os dados.

2. Perfil da Amostra: Distribuição Geográfica e Natureza das Organizações Mapeadas

Quem compõe a base, onde está, diversidade territorial, escalas de atuação e natureza institucional.

3. Impacto, Públicos e Mensuração

Trajetórias das organizações, públicos, participação das pessoas 60+, identidade de impacto, mensuração, alcance direto e indireto e influência em políticas públicas.

4. Prioridades, Soluções e Transformação Sistêmica

Quatro temas estratégicos de Nova Longevidade, 12 Frentes de Inovação, intergeracionalidade, protagonismo 60+ e Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade da Ashoka.

5. Capacidades, Conexões e Sustentabilidade do Ecossistema

Recursos disponíveis, financiamento, desafios organizacionais, redes e coalizões, infraestrutura informal de conexão e barreiras para o desenvolvimento do ecossistema.

6. Pergunta que o Ecossistema já respondeu

Leitura exploratória de uma pergunta aberta respondida por áudio por 253 organizações, aprofundando o porquê da barreira de colaboração intersetorial identificada na Seção 5.

7. Perguntas Norteadoras para o Avanço do Ecossistema

As 12 perguntas derivadas dos tensionamentos encontrados, terminando com a pergunta-síntese sobre como converter capacidade distribuída em capacidade coletiva de transformação.

8. Encerramento e Agradecimentos

9. Anexo – Notas Metodológicas

1. Sumário Executivo:
10 Principais Insights do Mapeamento 2026

O Mapeamento do Ecossistema de Inovação Social em Longevidade 2026 reúne 296 organizações e iniciativas e oferece uma leitura de como diferentes atores estão respondendo às transformações trazidas por vidas mais longas no Brasil. A amostra não é estatisticamente representativa do universo de organizações que atuam com longevidade no País e apresenta concentração geográfica, especialmente no Sudeste. Sua contribuição está em tornar visíveis diferentes atores, territórios, soluções, capacidades e desafios que compõem esse campo.

A leitura transversal dos resultados revela, entre as organizações mapeadas, forte orientação para impacto social e presença central de dimensões culturais e relacionais. Ao mesmo tempo, os dados mostram tensões importantes entre conexão e colaboração, geração e mensuração de impacto, disponibilidade de capacidades e disponibilidade de financiamento. Dez insights sintetizam os principais achados do Mapeamento 2026.

Dez aprendizados sintetizam essa leitura.

1.1 A concentração geográfica convive com múltiplas realidades territoriais de envelhecimento

O Mapeamento apresenta concentração geográfica: 61,15% da amostra está no Sudeste e 26,69% no Nordeste. Ao mesmo tempo, as 295 organizações que informaram município registraram atuação em 228 municípios distintos, incluindo iniciativas inseridas em grandes centros e periferias urbanas, territórios rurais, amazônicos, ribeirinhos e quilombolas. Essa diversidade territorial encontra eco na escuta qualitativa: mais de um quarto das 253 organizações que responderam à pergunta aberta sobre colaboração mencionaram espontaneamente a existência de diferentes formas e condições de envelhecer no Brasil, apontando diferenças relacionadas a território, renda, raça, gênero e outras condições sociais. Os resultados não tornam a amostra representativa da diversidade brasileira, mas reforçam um aprendizado central: **vidas mais longas são vividas sob condições distintas, e respostas à longevidade precisam reconhecer essa pluralidade.**

1.2 A base combina organizações recentes e trajetórias de longa duração

Entre as 295 organizações que informaram o início de suas atividades, 43,05% começaram entre 2020 e 2026, enquanto 28,14% iniciaram antes de 2010. A mais antiga da amostra, a Liga Solidária, atua desde 1923. A coexistência de iniciativas recentes e organizações com décadas de atuação mostra que a longevidade mobiliza tanto novos atores quanto organizações cuja trajetória antecede a consolidação do tema como agenda contemporânea.

1.3 Longevidade aparece como uma agenda que ultrapassa os 60+

Pessoas 60+ são o principal público das organizações mapeadas (90,88%), mas adultos (61,15%), jovens (35,47%) e crianças (21,62%) também aparecem entre os públicos beneficiados. Essa composição antecipa **um dos padrões mais consistentes do Mapeamento: a intergeracionalidade.** Conexão Social e Colaboração Intergeracional é prioridade para 86,15% das organizações, Intergeracionalidade aparece como frente de inovação para 54,05% e 89,86% afirmam promover interação entre diferentes gerações. A longevidade emerge, portanto, menos como uma agenda

restrita a uma faixa etária e mais como uma transformação que envolve relações entre gerações e a perspectiva de que compartilharão vidas mais longas.

1.4 Pessoas 60+ não aparecem apenas como destinatárias, mas também participam das organizações mapeadas

Embora pessoas 60+ sejam público de 90,88% das organizações, sua presença não se restringe à condição de beneficiárias das iniciativas mapeadas. Consideradas conjuntamente as perguntas sobre colaboradores/funcionários e voluntários, **76,01% das organizações contam com pessoas 60+** em pelo menos uma dessas formas de participação. Protagonismo 60+ também aparece como frente de inovação para 41,55%. Os indicadores medem fenômenos diferentes e não permitem equiparar presença a protagonismo, nem aferir quantidade de pessoas, funções exercidas ou participação nas decisões. Em conjunto, porém, deslocam a leitura de uma atuação exclusivamente para pessoas idosas e tornam visível sua **participação e contribuição nas organizações mapeadas**.

1.5 A inovação em longevidade acontece por múltiplas portas de entrada

A partir das Frentes de Inovação em Nova Longevidade propostas pelo Mapeamento, os resultados mostram uma atuação distribuída por educação, saúde, relações entre gerações, protagonismo, tecnologia, conhecimento, trabalho, cuidado, educação financeira, acessibilidade e mobilidade. As frentes mais presentes são Educação sobre Envelhecimento (65,88%), Saúde Social (61,82%) e Intergeracionalidade (54,05%), seguidas por Promoção de Saúde Integral (49,66%), Protagonismo 60+ (41,55%), Inclusão Digital (37,50%) e Estudos, Pesquisas e Indicadores sobre Longevidade (35,14%). O resultado mostra que **a inovação social em longevidade capturada pelo Mapeamento não se concentra em uma única solução: diferentes dimensões da vida funcionam como portas de entrada para transformar as condições de envelhecer.** Ao mesmo tempo, a maior presença de educação, vínculos sociais e relações entre gerações antecipa uma característica que atravessa o relatório: sua forte orientação cultural e relacional.

1.6 Prioridades, soluções e transformação sistêmica convergem em cultura e relações

Conexão Social e Colaboração Intergeracional (86,15%) e Combate ao Idadismo e Transformação das Narrativas (81,42%) lideram os temas prioritários. Educação sobre Envelhecimento (65,88%), Saúde Social (61,82%) e Intergeracionalidade (54,05%) estão entre as frentes de inovação mais presentes. E, quando precisam escolher uma única transformação sistêmica principal, 41,55% apontam a Dimensão Cultural. As perguntas medem fenômenos distintos, mas sua recorrência evidencia uma convergência agregada: **transformar as condições de envelhecer passa, para parcela importante das organizações mapeadas, por transformar também como a sociedade compreende a idade, organiza as relações entre gerações e reconhece agência e contribuição ao longo da vida.**

1.7 Impacto social é uma identidade compartilhada; mensurá-lo ainda é desafio

Quase todas as organizações (97,64%) afirmam gerar impacto social, tornando essa autodeclaração um **elemento identitário fortemente compartilhado pela base**. Entretanto, 40,88% utilizam métodos ou ferramentas para mensurá-lo; 43,92% ainda não medem, mas gostariam de fazê-lo; e 15,20% não mensuram. A diferença distingue autopercepção de impacto de **capacidade declarada de produzir evidências** sobre ele. Apenas 7,77% identificam mensuração como seu maior desafio, mostrando que ampliar essa capacidade pode ser desejado sem constituir a urgência principal. Um cruzamento acrescenta uma questão relevante: entre as organizações que mensuram impacto,

15,70% declaram não possuir financiamento, frente a 46,86% entre aquelas que não mensuram. O dado não estabelece causalidade, mas revela, nesta amostra, uma **associação entre mensuração e estrutura de financiamento** que merece investigação mais aprofundada.

1.8 O ecossistema já dispõe de muitos ativos potencialmente combináveis

As 296 organizações identificaram 1.409 recursos que podem trazer para o ecossistema — média de 4,76 por organização. Comunidades de Pessoas Idosas (56,42%), Conteúdo (55,74%), Qualificação de Pessoas (54,39%), Cursos e Formação (53,72%), Pedagogia/Metodologia (51,01%) e Redes (49,32%) aparecem em aproximadamente metade ou mais da amostra. Pesquisa (34,80%) e Tecnologia (33,45%) ampliam esse repertório. O resultado desloca a pergunta de "o que falta criar?" para outra igualmente importante: **como tornar capacidades já existentes mais visíveis, acessíveis e combináveis?** Comunidades, conhecimento, metodologias, formação, pesquisa, tecnologia e redes estão distribuídos entre diferentes atores; seu potencial coletivo depende também das condições para fazê-los circular e se complementar.

1.9 O desafio muda quando passamos da organização para o ecossistema

Para 48,99% das organizações, Captação de Recursos é hoje seu principal desafio, e 34,12% declaram não possuir financiamento no momento. Quando a pergunta muda de escala e passa a tratar do desenvolvimento do ecossistema, a ordem é outra: Colaboração entre Setores aparece primeiro (35,47%), seguida por Percepção Pública sobre Longevidade e Envelhecimento (29,05%) e Disponibilidade de Recursos Financeiros (21,62%). Essa mudança de escala é um dos aprendizados centrais do Mapeamento: **sustentar organizações e fortalecer um ecossistema exigem respostas diferentes.** No nível organizacional, predomina a urgência financeira; no nível coletivo, ganham centralidade as condições relacionais, culturais e financeiras para que o campo avance.

1.10 A base revela muitas conexões; o desafio percebido é transformá-las em colaboração

Este é um dos tensionamentos mais importantes do Mapeamento 2026. Diferentes modalidades de redes apresentam presença expressiva na base: Redes Acadêmicas ou Universitárias são indicadas por 45,95% das organizações, Redes de Impacto Social por 44,93%, Redes Comunitárias por 43,58% e Redes de Conteúdo por 37,16%. Além disso, 65,88% participam de grupos de WhatsApp dedicados à longevidade e 49,32% identificam Redes como recurso que podem trazer para o ecossistema. Apesar dessa conectividade declarada, **Colaboração entre Setores é apontada como a principal barreira** para o desenvolvimento do campo (35,47%). O Setor Privado aparece ainda como o interlocutor mais desejado para conexão (63,18%), evidenciando forte demanda declarada por aproximação com empresas. Os resultados mostram que conexão e colaboração não são sinônimos. Estar em redes, compartilhar espaços ou circular informações não significa necessariamente combinar capacidades, construir agendas comuns ou desenvolver respostas conjuntamente entre diferentes setores.

MAPEAMENTO DO ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL EM LONGEVIDADE · 2026

O Ecossistema em Números

Desafios e oportunidades para as 296 organizações mapeadas

228
municípios distintos alcançados no Brasil

1923
ano de fundação da organização mais antiga da base

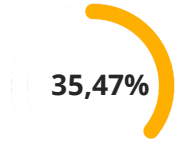
1.409
recursos declarados: redes, metodologias, indicadores e outros

4,76
média de recursos declarados por organização

Escala do Desafio



Captação de recursos
maior desafio da própria organização

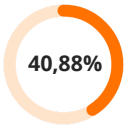


Colaboração entre setores
maior desafio para o ecossistema

Impacto & Mensuração



afirmam **gerar impacto social**

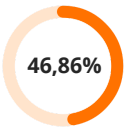


utilizam métodos ou ferramentas para **mensurá-lo**



identificam a mensuração como seu **maior desafio**

Mensuração & Financiamento



estão **sem financiamento**, entre as que não mensuram impacto

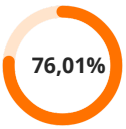


estão **sem financiamento**, entre as que mensuram

Presença & Colaboração 60+



têm pessoas 60+ como **público beneficiado**



contam com **pessoas 60+** como colaboradoras, funcionárias ou voluntárias

Conexão Internacional

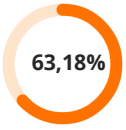


desejam se conectar a **redes internacionais**

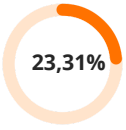


acessam **fundos internacionais**

Setor Privado



querem se **conectar com empresas**



têm **parcerias corporativas** como fonte de financiamento

Os percentuais têm como base as 296 organizações mapeadas, exceto onde indicado. **Perguntas distintas medem fenômenos distintos** — pares apresentados lado a lado apontam tensões a investigar, não relações causais.

Lab Nova Longevidade · Ashoka
Setembro de 2026

2. Perfil da Amostra: Distribuição Geográfica e Natureza das Organizações Mapeadas

As 296 organizações mapeadas estão presentes nas cinco regiões brasileiras, com forte concentração no Sudeste (61,15%), seguido pelo Nordeste (26,69%). Sul (5,74%), Centro-Oeste (4,05%) e Norte (2,36%) apresentam participação menor na amostra.

Na escala estadual, 295 organizações informaram pelo menos uma unidade da Federação e, como era possível indicar atuação em mais de um estado, foram registradas 327 ocorrências estaduais. São Paulo apresenta a maior presença, com 136 organizações (46,1% das 295 respondentes), seguido por Pernambuco, com 59 (20%), Rio de Janeiro, com 35 (11,86%), e Minas Gerais, com 20 (6,78%). Ao todo, o Mapeamento registra presença em 22 estados e no Distrito Federal, alcançando 23 das 27 unidades da Federação. Acre, Amapá, Amazonas e Mato Grosso do Sul não apresentam ocorrências nessa base.

A distribuição municipal acrescenta uma nuance importante para a amostra. Grandes centros concentram parcela expressiva das iniciativas mapeadas: São Paulo lidera com 114 ocorrências, seguido por Rio de Janeiro (27), Recife (19), Brasília (13) e Belo Horizonte (11). Ao mesmo tempo, a presença territorial se estende muito além desses polos. As 295 organizações que informaram município produziram 497 ocorrências municipais, distribuídas por 228 municípios distintos. Desses, 179 (78,51%) aparecem uma única vez na base.

Concentração e capilaridade, portanto, coexistem na amostra. Poucos centros urbanos reúnem número elevado de iniciativas, enquanto uma longa cauda territorial alcança municípios representados por uma única organização.

Pernambuco apresenta uma configuração particular. Das 59 organizações com presença declarada no estado, 19 aparecem em Recife. Outras estão em Olinda (9), Paulista (8), Lagoa de Itaenga (5), Gravatá (3) e diferentes municípios pernambucanos. Essa capilaridade reflete a contribuição do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) na disseminação da chamada do Mapeamento 2026, que mobilizou também Conselhos das Pessoas Idosas no Estado e nos municípios.

A dimensão territorial ganha maior significado quando a localização é lida em conjunto com as descrições das próprias iniciativas e suas contribuições. A diversidade capturada não se resume a pontos no mapa: os dados qualitativos mostram organizações respondendo a condições concretas e bastante distintas de envelhecimento.

> *Projetos como o Tecer Mulher atuam na inclusão digital de mulheres idosas na Amazônia, enquanto o projeto Envelhecendo Rio Abaixo, Rio Acima, da UFPA, atende pessoas idosas em comunidades ribeirinhas de Cametá (PA), onde o deslocamento ocorre exclusivamente por vias fluviais. Há também iniciativas focadas no contexto rural, a exemplo do Centro Cocais, no Piauí, que desenvolve educação financeira e letramento digital para quebradeiras de coco, pessoas idosas quilombolas e agricultores familiares, além de ações de tecelagem e hortas comunitárias no interior do país. Outras inserem longevidade, cuidado, direitos e participação nos contextos específicos das periferias urbanas, como o Instituto Velho Amigo, em Heliópolis, São Paulo; a Favela Compassiva, nas favelas da Rocinha e do Vidigal, no Rio de Janeiro; e a Associação Cultural Santa Teresinha do Menino Jesus, no Grande Bom Jardim, em Fortaleza.*

Esses exemplos não tornam a amostra representativa, mas mostram por que uma base numericamente concentrada pode ainda captar diferentes condições de envelhecer nos territórios brasileiros. As organizações atuam em contextos socioculturais nos quais mobilidade, infraestrutura,

acesso digital, renda, cuidado, relações comunitárias e acesso a direitos assumem configurações distintas.

A escala de atuação complementa essa leitura. Mais da metade das organizações atua localmente, em cidade ou bairro (57,77%), enquanto quase metade declara atuação nacional (48,31%). A atuação regional aparece em 39,19% e a internacional em 21,62%. As 296 organizações registraram 494 seleções e, como a pergunta permitia múltiplas respostas, essas escalas podem coexistir dentro de uma mesma organização.

A natureza institucional reforça a heterogeneidade da amostra. Consideradas conjuntamente, as categorias apresentadas pelo formulário sob a denominação de organizações da sociedade civil somam 108 respondentes (36,49%). O setor privado — empresas, negócios de impacto, startups e aceleradoras/incubadoras — reúne 88 organizações (29,73%). Nenhum desses conjuntos, portanto, constitui sozinho a maioria da amostra.

A diversidade aparece também fora desses dois grandes grupos. O Setor Público reúne 19 organizações (6,42%), enquanto cinco organizações pertencem ao Sistema S (1,69%) e quatro são Conselhos das Pessoas Idosas (1,35%). A academia, quando suas quatro categorias são observadas conjuntamente — instituições de ensino e pesquisa, grupos ou núcleos de pesquisa, universidades abertas da terceira idade e pesquisadores ou pesquisadoras — soma 30 respondentes (10,14%). Produtores de conteúdo e mídia e influenciadores digitais, incluindo influenciadores 60+, somam 22 respondentes (7,43%). Outros 20 participantes (6,76%) se identificam como indivíduos, incluindo ativistas e prestadores individuais de serviço. Atores do campo da filantropia não foram representados nessa amostra.

Essa composição mostra que a inovação social em longevidade capturada pelo Mapeamento não está institucionalmente concentrada em um único setor ou tipo de ator. A diversidade institucional não demonstra, por si só, colaboração entre esses grupos — distinção particularmente importante diante de outro achado do Mapeamento: colaboração entre setores é apontada como a principal barreira para o desenvolvimento do ecossistema por 35,47% das organizações. A presença de múltiplos setores no mesmo campo não significa necessariamente que eles estejam conseguindo atuar de forma articulada.

TAKE AWAY — A amostra é geograficamente concentrada, mas territorialmente capilar e institucionalmente diversa. A concentração em alguns estados e grandes centros convive com presença em 228 municípios, sendo que 186 deles (79,15%) aparecem com apenas uma iniciativa. Ao mesmo tempo, nenhuma categoria institucional isolada representa 25% das organizações mapeadas. Essa coexistência de concentração e dispersão, enraizamento local e atuação em múltiplas escalas, e diferentes naturezas institucionais revela distintas formas de responder às condições de envelhecer. Mas diversidade de atores não equivale automaticamente a integração do ecossistema: como esse relatório apontará, embora diferentes setores estejam presentes, a colaboração entre setores é percebida como a principal barreira para o desenvolvimento do campo.

Tabelas Seção 2

Região

Região	Organizações	%
Sudeste	181	61,15%
Nordeste	79	26,69%
Sul	17	5,74%
Centro-Oeste	12	4,05%
Norte	7	2,36%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 1. Distribuição por Região.

Estados

Estado	Ocorrências	% das organizações respondentes
São Paulo	136	46,10%
Pernambuco	59	20,00%
Rio de Janeiro	35	11,86%
Minas Gerais	20	6,78%
Distrito Federal	13	4,41%
Rio Grande do Sul	11	3,73%
Bahia	6	2,03%
Ceará	6	2,03%
Rio Grande do Norte	6	2,03%
Pará	4	1,36%
Paraná	4	1,36%
Sergipe	4	1,36%
Espírito Santo	3	1,02%
Goiás	3	1,02%
Piauí	3	1,02%
Santa Catarina	3	1,02%
Alagoas	2	0,68%
Mato Grosso	2	0,68%
Paraíba	2	0,68%
Tocantins	2	0,68%
Maranhão	1	0,34%
Rondônia	1	0,34%
Roraima	1	0,34%

Tabela 2. Distribuição por Estado. *Uma mesma organização pode declarar presença em mais de uma unidade federativa. Percentuais calculados sobre 295 organizações respondentes, considerando 327 indicações de estados.*

10 principais municípios

Posição	Município	Iniciativas
1º	São Paulo	114
2º	Rio de Janeiro	27
3º	Recife	19
4º	Brasília	13
5º	Belo Horizonte	11
6º	Olinda	9
7º	Paulista	8
8º	Salvador	6
8º	Porto Alegre	6
10º	Santos	5
10º	Fortaleza	5
10º	Lagoa de Itaenga	5

Tabela 3. 10 Principais Municípios. *295 organizações com município informado; 497 ocorrências municipais.*

Natureza das organizações

Categoria	Organizações	%
Organização da Sociedade Civil Formalizada (com CNPJ) SEM fins lucrativos	73	24,66%
Setor Privado: Empresa	44	14,86%
Setor Privado: Negócio de Impacto	30	10,14%
Organização da Sociedade Civil Não-Formalizada (sem CNPJ)	24	8,11%
Quero me cadastrar como Indivíduo (sou ativista, prestador individual de serviço, outros)	20	6,76%
Setor Público	19	6,42%
Produtor de Conteúdo e/ou Mídia	16	5,41%
Academia: Instituição de Ensino e Pesquisa	12	4,05%
Setor Privado: Startup	12	4,05%
Organização da Sociedade Civil Formalizada (com CNPJ) COM fins lucrativos	11	3,72%
Academia: Pesquisador ou Pesquisadora	8	2,70%
Academia: Grupo ou Núcleo de Pesquisa	6	2,03%
Sistema S	5	1,69%
Academia: Universidade Aberta da Terceira Idade	4	1,35%
Conselho das Pessoas Idosas	4	1,35%
Sou influenciador(a) digital 60+	3	1,01%
Sou influenciador(a) digital	3	1,01%
Setor Privado: Aceleradora/Incubadora de Agetechs	2	0,68%
Quero me cadastrar como Filantropia	0	0,00%
TOTAL	**296**	**100,00%**

Tabela 4. Natureza das Organizações.

Escala geográfica de atuação

Escala	Organizações	% das organizações
Local (cidade/bairro)	171	57,77%
Nacional (Brasil)	143	48,31%
Regional (estado/região)	116	39,19%
Internacional (outros países além do Brasil)	64	21,62%

Tabela 5. Escala Geográfica de Atuação. *Pergunta de múltipla escolha: 296 organizações respondentes; 494 seleções. Uma mesma organização pode atuar em mais de uma escala; por isso, os percentuais não totalizam 100%.*

3. Impacto, Públicos e Mensuração

A amostra combina uma camada expressiva de iniciativas recentes e organizações com décadas de trajetória. Entre as 295 que informaram o ano de início, 43,05% começaram suas atividades entre 2020 e 2026 e 28,81% entre 2010 e 2019. A Liga Solidária, em São Paulo, é a organização mais antiga, atuando desde 1923.

> ***Um Século de Atuação – Liga Solidária***
>
> *Fundada em 1923, a Liga Solidária é a organização mais antiga entre as 296 mapeadas. Com atuação em São Paulo, trabalha nos eixos de Educação de Qualidade, Inclusão Produtiva, Vínculos Comunitários e Envelhecimento Ativo. Neste último, desenvolve o Programa Idosos, voltado à promoção do envelhecimento ativo e saudável, ao fortalecimento de vínculos e à recuperação da autonomia e da autoconfiança das pessoas idosas. Sua presença na amostra demonstra que o ecossistema mapeado combina iniciativas recentes com organizações cuja trajetória antecede em muitas décadas a consolidação da longevidade como agenda contemporânea.*

As pessoas idosas ocupam posição central entre os públicos beneficiados pelas iniciativas mapeadas: pessoas 60+ são indicadas por 90,88% das organizações e pessoas 80+ por 54,05%. Mas a composição dos públicos mostra que a atuação em longevidade não se restringe às idades mais avançadas. Adultos aparecem entre os públicos de 61,15% das organizações, jovens de 35,47% e crianças de 21,62%. A presença de diferentes gerações antecipa uma característica que reaparece de forma consistente ao longo do Mapeamento: a intergeracionalidade, seja como prioridade, frente de inovação ou prática promovida pelas próprias organizações.

Os públicos também ultrapassam recortes exclusivamente etários. Organizações parceiras são indicadas por 39,86%, comunidades vulneráveis por 34,46% e cuidadores familiares por 30,07%. As respostas abertas (“outros”) ampliam essa diversidade, incluindo: pessoas 50+, aposentadas, profissionais de saúde e cuidado, trabalhadores de ILPIs, além de grupos definidos por território, raça, deficiência, gênero e outras condições sociais. A centralidade das pessoas idosas convive, portanto, com uma atuação que considera a perspectiva de que mais gerações viverão vidas mais longas, trazendo desafios e oportunidades para o campo da longevidade em diferentes territórios e momentos do ciclo de vida.

A amostra também demonstra que a presença das pessoas 60+ não se restringe à condição de público beneficiado. Mais da metade das organizações conta com pessoas 60+ entre seus colaboradores ou funcionários (57,09%) e entre seus voluntários (54,39%). Consideradas conjuntamente as duas perguntas, **225 organizações (76,01%) contam com pessoas 60+ em pelo menos uma dessas formas de participação**. Os dados deslocam a leitura de uma atuação exclusivamente para pessoas idosas, tornando visível a contribuição delas para as próprias organizações que compõem o ecossistema.

O impacto social aparece como elemento fortemente compartilhado entre as organizações mapeadas: 97,64% afirmam gerar impacto social. **Essa autodeclaração revela uma dimensão identitária relevante da base**, na medida em que a quase totalidade das organizações reconhece sua atuação como geradora de impacto. Quando a pergunta passa da geração de impacto para sua mensuração, o cenário se torna mais diverso. Métodos ou ferramentas de mensuração são utilizados por 40,88%, enquanto 43,92% ainda não medem, mas declaram que gostariam de fazê-lo. Outros 15,20% afirmam não mensurar.

A aproximação das duas perguntas evidencia uma diferença entre **reconhecer a própria atuação como geradora de impacto e dispor de instrumentos para mensurá-lo**. Ao mesmo tempo, o interesse declarado em mensuração não significa que ela seja a principal urgência dessas organizações. Quando convidadas a escolher seu maior desafio, apenas 7,77% apontam mensuração de impacto, resultado que será retomado mais adiante na análise dos desafios organizacionais.

A magnitude do alcance direto declarado varia entre as organizações mapeadas. “Mais de 10 mil pessoas” é a categoria indicada por 22,64% das organizações. No alcance indireto, “Mais de 10 mil pessoas” é novamente a categoria mais frequente (30,41%). Ao mesmo tempo, 25,34% não mensuram ou não sabem informar esse alcance, proporção superior à observada no alcance direto (17,57%). O resultado evidencia maior ausência de mensuração declarada do alcance indireto. Essa questão ganha especial relevância em um ecossistema no qual conteúdo, formação, metodologias, pesquisa, redes e eventos aparecem, como veremos adiante, entre os recursos que as próprias organizações trazem para o campo.

Apesar da lacuna na mensuração de impacto, mais da metade das organizações mapeadas (61,15%) afirma já ter contribuído ou influenciado alguma política relacionada direta ou indiretamente à longevidade e ao envelhecimento. O indicador, entretanto, registra contribuição ou influência declarada pelas próprias organizações e não permite, isoladamente, determinar sua intensidade, alcance, nível de governo ou efeito concreto sobre políticas públicas.

TAKE AWAY — A base combina diferentes trajetórias, públicos e formas de produzir impacto. Pessoas 60+ aparecem como maior público beneficiado (90,88%), mas é relevante sua participação e contribuição para o ecossistema: 76,01% das organizações contam com pessoas 60+ como colaboradores/funcionários, voluntários ou em ambas as formas de participação, evidenciando uma atuação que acontece não apenas para, mas também com pessoas idosas. A presença de outras gerações entre os públicos sinaliza ainda a intergeracionalidade que reaparecerá em outras dimensões do Mapeamento. O impacto social aparece como elemento identitário fortemente compartilhado (97,64%), enquanto o uso de métodos ou ferramentas para mensurá-lo é menos disseminado (40,88%). A contribuição ou influência declarada em políticas públicas (61,15%) amplia, por sua vez, a leitura para formas de atuação que podem ultrapassar o público diretamente alcançado. Em conjunto, os resultados colocam em perspectiva diferentes dimensões do impacto — participação, alcance, evidência e influência — que não devem ser tomadas como equivalentes.

Tabelas Seção 3

Tempo de atuação

Início das atividades	N	%
Até 1999	37	12,54%
2000–2009	46	15,59%
2010–2019	85	28,81%
2020–2026	127	43,05%
Total de respostas válidas	**295**	**100,00%**

Tabela 6. Tempo de Atuação. *295 organizações informaram o ano de início das atividades; 1 não respondeu.*

Públicos beneficiados

Público	N	% das organizações
Pessoas Idosas 60+	269	90,88%
Adultos	181	61,15%
Pessoas Idosas 80+	160	54,05%
Organizações parceiras	118	39,86%
Jovens	105	35,47%
Comunidades vulneráveis	102	34,46%
Cuidadores familiares	89	30,07%
Crianças	64	21,62%
Outros	23	7,77%

Tabela 7. Públicos Beneficiados. *Pergunta de múltipla escolha. Percentuais calculados sobre as 296 organizações.*

Participação de pessoas 60+ nas organizações

Forma de participação	Organizações	%
Possui colaboradores/funcionários 60+	169	57,09%
Conta com voluntários 60+	161	54,39%
Possui pelo menos uma das duas formas de participação	225	76,01%

Tabela 8. Participação de Pessoas 60+ nas Organizações. *Os dois primeiros indicadores correspondem a perguntas distintas e não devem ser somados.*

Geração de impacto social

Resposta	N	%
Sim	289	97,64%
Não	7	2,36%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 9. Geração de Impacto Social.

Utilização de método ou ferramenta para mensuração de impacto

Resposta	N	%
Não mede, mas gostaria	130	43,92%
Sim	121	40,88%
Não	45	15,20%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 10. Utilização de Método ou Ferramenta para Mensuração de Impacto.

Pessoas impactadas diretamente

Alcance direto	N	%
Mais de 10.000	67	22,64%
Não mensurado / Não sei informar	52	17,57%
Até 500	50	16,89%
Mais de 1.000	47	15,88%
500–1.000	36	12,16%
Mais de 5.000	33	11,15%
Pergunta não se aplica ao meu caso	11	3,72%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 11. Pessoas Impactadas Diretamente. *As categorias de alcance são autodeclaradas, reproduzindo as opções estabelecidas no formulário e selecionadas pelas organizações.*

Pessoas impactadas indiretamente

Alcance indireto	N	%
Mais de 10.000	90	30,41%
Não mensurado / Não sei informar	75	25,34%
Mais de 1.000	48	16,22%
Até 500	33	11,15%
Mais de 5.000	28	9,46%
500–1.000	12	4,05%
Pergunta não se aplica ao meu caso	10	3,38%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 12. Pessoas Impactadas Indiretamente. *As categorias de alcance são autodeclaradas, reproduzindo as opções estabelecidas no formulário e selecionadas pelas organizações.*

Contribuição ou influência em políticas públicas

Resposta	N	%
Sim	181	61,15%
Não	115	38,85%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 13. Contribuição ou Influência em Políticas Públicas. *N = 296 organizações. O indicador corresponde à contribuição ou influência declarada pelas próprias organizações e não mede, isoladamente, intensidade, alcance ou efeito concreto sobre políticas públicas.*

4. Prioridades, Soluções e Transformação Sistêmica

O Mapeamento 2026 propôs uma lente para compreender quais problemas e transformações mobilizam o ecossistema a partir de quatro temas considerados estratégicos pelo Lab Nova Longevidade e globalmente pela Ashoka. Entre as organizações mapeadas, Conexão Social e Colaboração Intergeracional aparece como o tema mais frequentemente priorizado (86,15%), seguido pelo Combate ao Idadismo e Transformação das Narrativas sobre Envelhecimento (81,42%). Oportunidades de Contribuição e Trabalho ao Longo da Vida (55,74%) e Redesenho dos Sistemas de Saúde e Cuidado (54,39%) também mobilizam mais da metade da amostra.

A alta adesão às categorias propostas é, em si, um resultado relevante: apenas três organizações (1,01%) não identificaram nenhum dos quatro temas como prioritário. Isso não permite afirmar que os quatro temas esgotem a agenda da Nova Longevidade, mas indica que a lente proposta pelo Lab Nova Longevidade e pela Ashoka encontra correspondência nas prioridades declaradas por praticamente toda a base mapeada.

Os resultados não estabelecem uma hierarquia de importância entre esses temas, já que a pergunta permitia múltiplas respostas, mas mostram onde se concentra a atuação das organizações quando observadas a partir da lente proposta pelo Mapeamento. A predominância das duas primeiras prioridades coloca em evidência dimensões relacionais e culturais da longevidade: como gerações se relacionam, quais espaços de conexão são construídos e quais narrativas orientam a maneira como envelhecimento e pessoas idosas são percebidos socialmente.

Essa orientação reaparece quando passamos das prioridades para as frentes concretas de inovação. Educação sobre Envelhecimento é a frente mais presente (65,88%), seguida por Saúde Social (61,82%), Intergeracionalidade (54,05%) e Promoção de Saúde Integral (49,66%). Protagonismo 60+ aparece em 41,55% das organizações, Inclusão Digital em 37,50% e Estudos, Pesquisas e Indicadores sobre Longevidade em 35,14%.

A distribuição pelas frentes mostra a amplitude das respostas presentes no ecossistema. Educação, vínculos sociais, relações entre gerações, saúde, protagonismo, tecnologia, produção de conhecimento, trabalho, cuidado, educação financeira, acessibilidade e mobilidade aparecem como diferentes portas de entrada para transformar as condições de envelhecer.

Ao mesmo tempo, as respostas abertas mostram que essa taxonomia proposta pelo Mapeamento não captura integralmente todas as formas de atuação da base de organizações. A revisão dessas respostas abertas revela um elemento qualitativamente relevante. Das dez respostas mantidas em “Outros”, cinco mencionam explicitamente: advocacy, incidência política, garantia de direitos, acesso à justiça ou educação política. Elas correspondem a apenas cinco das 296 organizações mapeadas (1,69%), portanto não permitem caracterizar direitos e política como uma frente predominante no conjunto da amostra. Ainda assim, o padrão merece registro: metade das respostas que permanecem fora da taxonomia aponta para formas de inovação voltadas a direitos, instituições, participação e condições políticas do envelhecimento.

A intergeracionalidade merece atenção particular porque atravessa diferentes perguntas do Mapeamento. Além de Conexão Social e Colaboração Intergeracional ser prioridade para 86,15% das organizações e Intergeracionalidade aparecer como frente de inovação para 54,05%, **89,86% afirmam promover interação entre diferentes gerações**. Como vimos anteriormente, essa transversalidade também aparece na composição dos públicos, que inclui pessoas 60+, adultos, jovens e crianças.

A presença do Protagonismo 60+ entre as frentes de inovação (41,55%) acrescenta outra dimensão a essa leitura. Como vimos na seção anterior, pessoas 60+ estão presentes como colaboradores ou funcionários ou voluntários em 76,01% das organizações mapeadas. Esses indicadores medem

fenômenos diferentes e não permitem concluir que toda participação corresponda a protagonismo. Em conjunto, porém, mostram que a presença das pessoas idosas no ecossistema não se restringe à condição de público beneficiado e abre espaço para observar sua agência e contribuição como parte das transformações buscadas pelas organizações.

Outro encadeamento pode ser observado na Dimensão Cultural. Combate ao Idadismo e Transformação das Narrativas sobre Envelhecimento é prioridade para 81,42% das organizações; Educação sobre Envelhecimento é a frente de inovação mais presente (65,88%); e, quando perguntadas sobre a principal dimensão que esperam transformar caso sejam bem-sucedidas, 41,55% apontam a Dimensão Cultural.

Essa última pergunta introduz a Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade da Ashoka, utilizada pelo Mapeamento para observar em qual dimensão dos sistemas as organizações identificam sua principal contribuição transformadora. A arquitetura contempla sete dimensões — Cultural, Política, Legal, Econômica, Organizacional, Tecnológica e Métricas — e reconhece que transformações sistêmicas podem ser buscadas por diferentes caminhos.

Quando convidadas a selecionar uma única dimensão principal, a Cultural concentra a maior parcela das respostas (41,55%). A dimensão Organizacional aparece em seguida (16,22%), acompanhada pelas dimensões Tecnológica (12,16%), Política (8,78%), Legal (8,78%), Econômica (7,43%) e Métricas (2,36%). Apenas 2,70% não identificam nenhuma das dimensões como transformação principal.

A predominância da dimensão Cultural ganha significado quando lida junto às perguntas anteriores. Em diferentes pontos do Mapeamento, aparecem simultaneamente a prioridade atribuída ao enfrentamento do idadismo e à transformação das narrativas (81,42%), a presença da Educação sobre Envelhecimento como principal frente de inovação (65,88%) e a escolha da dimensão Cultural como principal transformação sistêmica esperada (41,55%). As três perguntas medem dimensões distintas — prioridade temática, frente de inovação e transformação esperada — e não permitem afirmar que sejam necessariamente as mesmas organizações em cada resultado. Ainda assim, sua recorrência na amostra evidencia uma convergência agregada em torno da dimensão cultural da Nova Longevidade.

Das frente de Inovação aos Princípios de Design para Nova Longevidade

As Frentes de Inovação mostram por onde as organizações mapeadas estão respondendo aos desafios e oportunidades trazidos por vidas mais longas. A leitura qualitativa das iniciativas permite dar um passo adicional: identificar princípios que atravessam diferentes soluções e podem inspirar novas respostas para a Nova Longevidade.

Os Princípios de Design apresentados a seguir não constituem critérios de avaliação ou prescrições. Eles sintetizam aprendizados que emergem das iniciativas destacadas em cada frente e traduzem experiências concretas em princípios potencialmente úteis para outros atores do ecossistema. Sempre que possível, a curadoria buscou também trazer iniciativas ainda não destacadas no Mapeamento de 2024, ampliando a visibilidade sobre a renovação e a diversidade do ecossistema.

Frente de Inovação	Princípio de Design	Alguns exemplos
Inclusão Digital Educação midiática, combate à desinformação e polarização, acesso, habilidades digitais e ampla participação digital.	**Desenhar o digital para participação, e não apenas para acesso.** Inclusão implica desenvolver habilidades, confiança, pensamento crítico e capacidade de produzir, compreender e circular informação com segurança, considerando diferentes territórios, repertórios e experiências de envelhecimento.	Tecer Mulher (Marabá, PA); ProEIDI (Natal, RN); Puxirum da TI (Santarém, PA); Conectando Saberes 60+ (Brasília, DF); Desenrola E Não Me Enrola (São Paulo, SP)
Educação Financeira Educação para decisões econômicas ao longo da vida, prevenção de golpes e fraudes, proteção patrimonial e desenvolvimento de produtos, serviços e interfaces adequados às necessidades de pessoas idosas e à perspectiva de vidas mais longas.	**Projetar segurança financeira para uma vida inteira de transições.** Viver mais exige ir além da aposentadoria: significa fortalecer capacidade de decisão, proteção contra vulnerabilidades, autonomia patrimonial e produtos financeiros capazes de acompanhar mudanças de renda, trabalho, cuidado e projeto de vida.	Zelia (Rio de Janeiro, RJ); Finanças Sênior (Cotia, SP); Brasilprev (São Paulo, SP); Instituto Casa de Davi – Projeto Saber Financeiro (Brumadinho, MG); Projeto Dinheiro e Longevidade (Rio de Janeiro, RJ)
Inclusão Produtiva Requalificação profissional, empregabilidade, empreendedorismo, novos modelos de trabalho e reconhecimento da experiência e das capacidades produtivas ao longo de vidas mais longas.	**Desenhar o trabalho a partir da contribuição, e não da idade.** Carreiras mais longas exigem múltiplas portas de participação econômica — emprego, projetos, empreendedorismo, agricultura, consultoria, tecnologia e novas carreiras — capazes de reconhecer experiência acumulada sem aprisioná-la aos modelos tradicionais de trabalho.	Aceleradora 50+ do INEI (atuação remota; cadastro no Rio de Janeiro, RJ); Aurora Ventures (São Paulo, SP); EFA COCAIS – Projeto Família Agricultora (São João do Arraial, PI); Acreditar – Projeto Empreender 60+ (Glória do Goitá, PE; atuação também em Chã de Alegria, Feira Nova, Gravatá, Lagoa de Itaenga e Pombos, PE); **Senium (Fortaleza, CE)**
Protagonismo 60+ Voluntariado, participação cívica e atuação de pessoas 60+ como agentes de transformação em suas comunidades, organizações e territórios.	**Trocar participação para pessoas idosas por poder de ação com pessoas idosas.** Protagonismo emerge quando experiência, voz, conhecimento e capacidade de organização das pessoas 60+ influenciam	BairroComVida (São Paulo, SP); Fórum Nacional das Mulheres Envelhecentes e Idosas (Brasília, DF; Natal, RN; Salvador, BA; São Paulo, SP); APARG (Berilo, MG); Instituto Makambira – Trilha de Formação em Cidadania 60+ (São Paulo, SP); **SINTEPE – Sindicato dos**

Frente de Inovação	Princípio de Design	Alguns exemplos
	comunidades, cultura, políticas e decisões.	**Trabalhadores em Educação de Pernambuco (Recife, PE)**
Estudos, Pesquisas e Indicadores sobre Longevidade Produção, sistematização e aplicação de dados, pesquisas, evidências e indicadores capazes de ampliar o conhecimento sobre longevidade e apoiar decisões, políticas e práticas.	**Transformar dados sobre envelhecimento em capacidade de agir sobre a longevidade.** Produzir evidência é apenas o primeiro passo; o valor sistêmico emerge quando conhecimento pode orientar decisões, revelar desigualdades, acompanhar mudanças e qualificar políticas e soluções.	Estudo SABE (São Paulo, SP); Plataforma Longeviver (São Paulo, SP); Rede UNIDES (Viçosa, MG); Instituto de Longevidade MAG (Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP); Grupo de Pesquisa em Gerontecnologia (Passo Fundo, RS)
Educação sobre Envelhecimento Combate ao idadismo, produção e circulação de conteúdos qualificados e construção de novas narrativas para a longevidade.	**Educar para envelhecer antes da velhice.** Combater o idadismo exige transformar as narrativas, instituições e aprendizagens que moldam nossa relação com a idade durante todo o curso de vida.	Cabelo Branco Educação (Viçosa, MG); Instituto Novos Velhos (Brasília, DF); Portal do Envelhecimento e Longeviver (São Paulo, SP); **NUPATI – Núcleo de Pesquisas e Ações da Terceira Idade (São Cristóvão, SE)**; Pelo Direito de Envelhecer (Belo Horizonte, MG)
Intergeracionalidade Troca de saberes entre gerações, mentorias, oportunidades de colaboração, convívio e construção de conexões significativas.	**Criar algo que nenhuma geração produziria sozinha.** O potencial intergeracional cresce quando diferentes idades não apenas convivem, mas trocam recursos, compartilham decisões, resolvem problemas e produzem conjuntamente.	Link Tecnologia Social – Gerações em Rede (Guarujá, SP); LongevIDADES Instituto (Florianópolis, SC); Inova 60+ – De Guru para Guri (Blumenau, SC); Encontro Geracional (Palmares, PE); A Memória dos Bairros de São Paulo pelos 80+ – e-Editora (São Paulo, SP)
Saúde Social Combate ao isolamento e à solidão, ampliação das conexões sociais, pertencimento e fortalecimento de redes comunitárias.	**Tratar conexão como infraestrutura de saúde.** Vínculos, pertencimento, reciprocidade e participação comunitária não são acessórios do envelhecimento saudável; são recursos que precisam ser intencionalmente construídos e sustentados.	**Rede COMPAZ – Fábrica de Cidadania (Recife, PE)**; Instituto Abdalaziz de Moura – Projeto Flor de Mandacaru (Gravatá, PE); Kiraz Brasil – PAPI-D e Barigui Cuida de Você (Curitiba, PR); Conex60 (Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP); **Rede Inventividade (Salvador, BA)**
Promoção de Saúde Integral Ampliação de acesso, autocuidado, saúde física, cognitiva e mental, prevenção e manejo de doenças crônicas, práticas	**Projetar saúde para a capacidade de viver, e não apenas para tratar doenças.** Longevidade saudável exige integrar prevenção, funcionalidade, cognição, saúde mental, autocuidado,	Lumen Ciência e Saúde (Petrópolis, RJ); Movimento VIVAS (Recife, PE); **UNA – Associação União Namastê de Agroecologia (Glória do Goitá, PE); EnvelheSENDO: rio abaixo, rio acima (Cametá, PA); Projeto Idade Ativa (Porto Velho, RO)**

Frente de Inovação	Princípio de Design	Alguns exemplos
integrativas e formação de profissionais.	acesso, vínculos e diferentes dimensões do bem-estar.	
Economia do Cuidado Qualificação de cuidadores, suporte a cuidadores familiares, gestão e coordenação do cuidado e advocacy.	**Transformar cuidado de responsabilidade individual em infraestrutura coletiva.** Uma sociedade longeva precisa qualificar quem cuida, apoiar famílias, coordenar atores, fortalecer redes comunitárias e construir sistemas capazes de distribuir melhor responsabilidades, recursos e proteção.	Associação Cuidadosa (Belo Horizonte, MG); Associação Favela Compassiva (Rio de Janeiro, RJ); **Cuida de Mim – recriar.com.você (São Paulo, SP); Grupo de Pesquisa, Estudo e Extensão em Economia do Cuidado e do Trabalho (Fortaleza, CE); Grupo Laços (Rio de Janeiro, RJ – sede; atuação também em BA, SE, SP, DF, GO, PR e ES)**
Acessibilidade e Mobilidade Novas formas de moradia, adaptação da casa, mobilidade e construção de ambientes amigos de todas as idades.	**Desenhar para participação ao longo da vida, antecipando barreiras em vez de remediá-las.** Casas, bairros, transportes, serviços e espaços públicos devem permitir que diferentes capacidades convivam ao longo do curso de vida, reduzindo barreiras antes que elas produzam dependência, insegurança e exclusão.	Coletivo Cidade do Cuidado (São Paulo, SP); Flavia Ranieri Geroarquitetura (Brasília, DF; Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP); Trevoo – Morar Sênior (São Paulo, SP); **Movimento Longevidade Brasil-RS (Porto Alegre, RS)**; SER Arquitetura Humanizada e Acessíveis – Experiência Imersiva de Acessibilidade (Santos, SP)

Quadro 01. Frentes de Inovação, Princípios de Design e iniciativas que os exemplificam.

Nota: Os *Princípios de Design* sintetizam aprendizados transversais que emergem da leitura das iniciativas destacadas em cada frente. Não constituem critérios de avaliação ou prescrições, mas traduzem diferentes experiências em princípios que podem inspirar o desenho de novas soluções para vidas mais longas. A seleção das iniciativas apresentadas como exemplos não constitui um ranking e, sempre que possível, buscou também dar visibilidade a experiências ainda não destacadas no Mapeamento de 2024.

TAKE AWAY O Mapeamento revela um ecossistema que atua por múltiplas portas de entrada — educação, vínculos sociais, intergeracionalidade, saúde, protagonismo, tecnologia, conhecimento, trabalho e cuidado —, mas no qual emerge uma convergência particularmente forte em torno das relações e da cultura. Conexão Social e Colaboração Intergeracional (86,15%) e Combate ao Idadismo e Transformação das Narrativas (81,42%) lideram as prioridades; Educação sobre Envelhecimento (65,88%), Saúde Social (61,82%) e Intergeracionalidade (54,05%) estão entre as frentes mais presentes; e a Dimensão Cultural é a transformação sistêmica principal mais escolhida (41,55%). As perguntas medem fenômenos distintos e não permitem atribuir esse percurso às mesmas organizações, mas sua recorrência evidencia uma convergência agregada: transformar o modo como envelhecemos passa, para parcela importante das organizações mapeadas, por transformar também como a sociedade compreende a idade, organiza as relações entre gerações e reconhece a agência e a contribuição ao longo da vida.

Tabelas Seção 4

12 Frentes de Inovação em Nova Longevidade

Categoria	Organizações	% das 296
Educação sobre envelhecimento	195	65,88%
Saúde Social	183	61,82%
Intergeracionalidade	160	54,05%
Promoção de saúde integral	147	49,66%
Protagonismo 60+	123	41,55%
Inclusão digital	111	37,50%
Estudos, pesquisas e indicadores sobre longevidade	104	35,14%
Inclusão Produtiva	71	23,99%
Economia do Cuidado	67	22,64%
Educação financeira	56	18,92%
Acessibilidade e Mobilidade	36	12,16%
Outros — não absorvidos pela taxonomia	10	3,38%
Nenhuma das opções	8	2,70%

Tabela 14. Frentes de Inovação em Nova Longevidade. *Pergunta de múltipla escolha. Percentuais calculados sobre as 296 organizações e, por isso, não totalizam 100%.*

> ***Nota metodológica — tratamento das respostas abertas.*** *A pergunta permitia múltipla escolha e o registro de uma frente adicional em campo aberto. Na base original, 18 das 296 organizações (6,08%) utilizaram esse campo para indicar uma frente não descrita literalmente entre as alternativas. Essas respostas foram revisadas qualitativamente para verificar sua correspondência com a taxonomia da pergunta. Quando o conteúdo apresentava aderência direta e inequívoca a uma categoria preexistente, foi reclassificado*

Temas prioritários para a Nova Longevidade

Tema prioritário	Organizações	%
Conexão Social e Colaboração Intergeracional	255	86,15%
Combate ao Idadismo e Transformação das Narrativas sobre Envelhecimento	241	81,42%
Oportunidades de Contribuição e Trabalho ao Longo da Vida	165	55,74%
Redesenho dos Sistemas de Saúde e Cuidado	161	54,39%
Nenhum dos temas acima é prioritário	3	1,01%

Tabela 15. Temas Prioritários para a Nova Longevidade. *Pergunta de múltipla escolha. N = 296 organizações; 825 seleções. Percentuais calculados sobre as 296 organizações e, por isso, não totalizam 100%.*

Promoção da interação entre diferentes gerações

Resposta	Organizações	%
Sim	266	89,86%
Não	30	10,14%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 16. Promoção da Interação entre Diferentes Gerações. *N = 296 organizações.*

Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade da Ashoka

Dimensão principal de transformação	Organizações	%
Cultural	123	41,55%
Organizacional	48	16,22%
Tecnológica	36	12,16%
Política	26	8,78%
Legal	26	8,78%
Econômica	22	7,43%
Nenhuma das opções acima	8	2,70%
Métricas	7	2,36%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 17. Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade da Ashoka. *N = 296 organizações.*

5. Capacidades, Conexões e Sustentabilidade do Ecossistema

As organizações mapeadas identificam um conjunto amplo de recursos que podem trazer para o ecossistema. As 296 respondentes registraram 1.409 indicações, **média de 4,76 recursos aportados por organização**. Comunidades de Pessoas Idosas (56,42%), Conteúdo (55,74%), Qualificação de Pessoas (54,39%), Cursos e Formação (53,72%) e Pedagogia/Metodologia (51,01%) aparecem em mais da metade da amostra. Redes vêm logo em seguida (49,32%).

A concentração desses recursos mostra um ecossistema com presença expressiva de ativos relacionados a conhecimento, formação, metodologias, comunidades e conexões. Eventos para o Ecossistema (38,18%), Pesquisa (34,80%) e Tecnologia (33,45%) também estão presentes em cerca de um terço das organizações. Capilaridade no Território Brasileiro (23,65%) e Métodos de Avaliação e Indicadores (21,62%) aparecem em proporções menores – o menor aporte na base mapeada é para Financiamento, indicado como recurso trazido ao ecossistema por apenas 3,72% das organizações.

Grande parte desses ativos é potencialmente compartilhável e combinável. Comunidades podem ser aproximadas de novas soluções; conteúdos e metodologias podem circular; capacidades formativas podem fortalecer outros atores; pesquisa e tecnologia podem ser conectadas a diferentes contextos de aplicação; redes podem aproximar conhecimentos e oportunidades.

Esses recursos podem ainda influenciar o próprio modo como cada organização sustenta suas atividades. Venda de Serviços aparece para 31,76%, Recursos Públicos para 26,01%, Parcerias Corporativas para 23,31% e Doações para 20,27%. Fundos das Pessoas Idosas são acessados por 16,22% e Incentivos Fiscais por 13,85%, enquanto Investimento de Impacto (6,76%) e Fundos Internacionais (4,05%) aparecem com menor frequência. Ainda assim, mais de um terço (34,12%) declara não possuir financiamento no momento. É nesse cenário que Captação de Recursos é apontada como maior desafio para 48,99% das organizações mapeadas.

O cruzamento com a natureza institucional mostra que a ausência de financiamento não é exclusividade das organizações da sociedade civil. Entre as organizações classificadas como Setor Privado — Negócio de Impacto (n=30), 33,3% declaram não possuir financiamento no momento e, entre as classificadas como Setor Privado — Empresa (n=44), essa proporção é de 31,8%. Entre organizações não formalizadas e indivíduos, a proporção cresce para 70,8% e 70,0% respectivamente.

Essas diferenças devem ser interpretadas considerando o tamanho das subamostras, algumas delas relativamente pequenas. Ainda assim, mostram que a fragilidade financeira capturada pelo Mapeamento não está restrita ao terceiro setor: atinge com maior intensidade organizações não formalizadas e indivíduos, mas também aparece em proporção significativa entre empresas e negócios de impacto.

A ausência de financiamento declarada por 34,12% não significa necessariamente ausência de recursos para operar. As respostas abertas registram contribuições de associados ou filiados, recursos próprios, investimento de fundadores ou mantenedoras, emendas, editais, mensalidades, bazares, brechós e outros arranjos. O conjunto mostra diferentes estratégias de sustentação e, em alguns casos, combinação de mecanismos financeiros.

Quando as organizações são convidadas a escolher seu principal desafio hoje, a dimensão financeira se torna ainda mais evidente: Captação de Recursos concentra 48,99% das respostas, muito acima de Escalabilidade (15,20%) e Falta de Visibilidade (10,81%). Engajamento de Público e Mensuração de Impacto aparecem, cada um, para 7,77%.

A posição da mensuração é particularmente interessante quando recuperamos a Seção 3. Embora 43,92% das organizações afirmem que ainda não medem impacto, mas gostariam de fazê-lo, apenas

7,77% identificam Mensuração de Impacto como seu maior desafio. A comparação mostra que querer ampliar uma capacidade não significa necessariamente reconhecê-la como a urgência principal.

Ainda sobre a Captação de Recursos como principal desafio, as respostas abertas da categoria "Outros" acrescentam dimensões que não aparecem integralmente nas alternativas fechadas. Surgem questões relacionadas a equipe, profissionais especializados, desenvolvimento institucional, organização das atividades, redefinição estratégica, logística e sustentabilidade no longo prazo. Em outra escala, aparecem obstáculos relacionados a orçamento público, articulação governamental, garantia de direitos e preconceito contra pessoas idosas. Embora essas respostas não representem estatisticamente a base, mostram que as condições de sustentabilidade podem envolver recursos financeiros, capacidades organizacionais e condições institucionais mais amplas. Chama atenção ainda um relato individual: *"Sou altruísta. Organizo tudo sozinha. Tenho 71 anos"* – que retoma em caráter ilustrativo a contribuição das pessoas idosas para o ecossistema abordada anteriormente.

Mensuração e financiamento: uma associação a aprofundar

O cruzamento entre mensuração e financiamento revela uma associação relevante. Entre as organizações mapeadas que utilizam métodos ou ferramentas para mensurar impacto, 15,70% declaram não possuir financiamento, frente a 46,86% entre aquelas que não mensuram. As organizações que medem também apresentam, na amostra, maior presença de Parcerias Corporativas, Fundos das Pessoas Idosas, Incentivos Fiscais, Investimento de Impacto e Fundos Internacionais. Os dados não permitem afirmar que a mensuração produza maior acesso a recursos. Ainda assim, o padrão observado revela uma associação entre capacidade de produzir evidências e estrutura de financiamento que merece ser aprofundada.

Conexões presentes na base

As conexões aparecem de diferentes formas na base. As modalidades mais frequentemente indicadas são Redes Acadêmicas ou Universitárias (45,95%), Redes de Impacto Social (44,93%) e Redes Comunitárias (43,58%), seguidas por Redes de Conteúdo (37,16%). Outras Redes e Conexões são mencionadas por 32,43% das organizações, indicando a existência de formas de articulação que não estão integralmente descritas pelas categorias propostas no formulário.

O Mapeamento também permite observar com quem as organizações gostariam de se conectar. Setor Privado/Empresas aparece com ampla margem (63,18%), à frente de Setor Público/Órgãos Públicos (47,64%), Grupos de Pessoas Idosas (36,15%), Organizações da Sociedade Civil (31,08%), Mídia e Produtores de Conteúdo (27,36%), Empreendedores Sociais (25,68%), Redes Internacionais (23,99%), Filantropos (22,64%), Pesquisadores/Universidades (21,96%) e Influenciadores 60+ (21,28%).

A forte presença do setor privado como interlocutor desejado merece atenção. O setor privado representa 29,73% da natureza institucional da amostra e Parcerias Corporativas aparecem como fonte de financiamento para 23,31% das organizações, enquanto 63,18% indicam empresas entre os atores com os quais gostariam prioritariamente de se reunir. Como as perguntas medem fenômenos distintos, os percentuais não devem ser tratados como medida direta de uma lacuna entre demanda e oferta. Eles evidenciam, entretanto, uma **forte demanda declarada por aproximação com o setor privado** na base.

Entre os interlocutores desejados, Redes Internacionais aparecem para 23,99% das organizações. Esse dado ganha contraste quando aproximado das fontes de financiamento atualmente utilizadas: Fundos Internacionais são indicados por apenas 4,05%. Os dados não permitem estabelecer relação

direta entre conexão internacional desejada e financiamento internacional, mas mostram que o interesse por interlocução internacional é muito mais disseminado na amostra do que o acesso efetivo a fundos internacionais.

Fóruns Intergeracionais (25,68%) e Coalizões de Políticas Públicas (25,00%) aparecem entre as modalidades de redes e coalizões com menor frequência. Esses resultados precisam ser interpretados em relação às demais perguntas do Mapeamento. Na seção anterior, vimos que 89,86% promovem interação entre diferentes gerações; portanto, a participação menos frequente em Fóruns Intergeracionais não significa baixa interação intergeracional. Da mesma forma, 61,15% declaram já ter contribuído ou influenciado políticas públicas, mostrando que contribuição ou influência declarada e participação em coalizões formais não são fenômenos equivalentes.

A leitura conjunta produz um dos tensionamentos mais relevantes do Mapeamento. Redes são identificadas como recurso trazido ao ecossistema por 49,32% das organizações, diferentes modalidades de redes e coalizões apresentam presença expressiva na base e um terceiro dado mostra que 65,88% participam de grupos de WhatsApp dedicados à longevidade. Ainda assim, quando perguntadas sobre a principal barreira para o desenvolvimento do campo, 35,47% apontam justamente a Colaboração entre Setores.

Os dados não permitem identificar a intensidade das relações, quais setores cada rede efetivamente conecta ou os resultados produzidos por essas conexões. Permitem, porém, estabelecer uma distinção central: conexão e colaboração não são sinônimos. A presença de redes e canais indica densidade de conexões, mas não significa necessariamente capacidade de construir agendas comuns, combinar recursos ou desenvolver ações conjuntamente entre diferentes setores.

Da organização para o ecossistema: muda a natureza do desafio

A pergunta sobre a principal barreira para o desenvolvimento do ecossistema acrescenta uma mudança importante de escala. Colaboração entre Setores ocupa a primeira posição (35,47%), seguida por Percepção Pública sobre Longevidade e Envelhecimento (29,05%) e Disponibilidade de Recursos Financeiros (21,62%). Juntas, as três respostas concentram 86,14% das organizações.

A Percepção Pública retoma diretamente um dos principais padrões identificados na Seção 4. Combater o Idadismo e Transformar Narrativas é prioridade para 81,42% das organizações; Educação sobre Envelhecimento é a frente de inovação mais presente (65,88%); e a transformação Cultural é apontada como principal dimensão de transformação sistêmica por 41,55%. As perguntas medem dimensões distintas, mas sua recorrência evidencia que a dimensão cultural aparece tanto entre aquilo que parcela expressiva das organizações busca transformar quanto entre as principais barreiras percebidas para o avanço do ecossistema.

O financiamento também muda de posição conforme a unidade de análise. Quando a pergunta é sobre a própria organização, Captação de Recursos é o maior desafio para 48,99%. Quando a pergunta se desloca para o desenvolvimento do ecossistema, Disponibilidade de Recursos Financeiros aparece em terceiro lugar (21,62%), atrás de colaboração intersetorial e percepção pública. Os resultados apontam, portanto, para duas escalas distintas de desafio: sustentar as organizações e criar condições relacionais, culturais e financeiras para que o campo avance.

As demais barreiras são escolhidas com frequência consideravelmente menor: Regulações e Políticas Públicas (6,08%), Recursos Humanos Qualificados (3,04%), Acesso a Conhecimento e Pesquisa (2,03%) e Acesso e Adoção de Tecnologia Digital (2,03%). Como a pergunta exigia uma única escolha, esses percentuais não significam que tais dimensões sejam irrelevantes ou estejam resolvidas, mas apenas que poucas organizações as identificaram como a principal barreira diante das demais alternativas.

TAKE AWAY — O Mapeamento revela um ecossistema com ampla presença de comunidades, conhecimento, formação, metodologias e redes. Redes são apontadas como recurso por 49,32% das organizações e 65,88% participam de grupos de WhatsApp sobre longevidade, mas Colaboração entre Setores permanece como a principal barreira para o desenvolvimento do ecossistema (35,47%). A leitura conjunta evidencia que conexão não é sinônimo de colaboração e que o desafio está em transformar capacidades e relações já existentes em maior ação conjunta entre setores — ao mesmo tempo em que, na escala das organizações, a sustentabilidade financeira permanece crítica, com Captação de Recursos apontada como principal desafio por 48,99% da base mapeada.

Tabelas Seção 5

Interlocutores desejados para conexão

Interlocutor desejado	Organizações	% das organizações
Setor privado / empresas	187	63,18%
Setor público / órgãos públicos	141	47,64%
Grupos de pessoas idosas	107	36,15%
Organizações da sociedade civil	92	31,08%
Mídia e produtores de conteúdo	81	27,36%
Empreendedores sociais	76	25,68%
Redes internacionais	71	23,99%
Filantropos	67	22,64%
Pesquisadores/universidades	65	21,96%
Influenciadores 60+	63	21,28%

Tabela 18. Interlocutores Desejados para Conexão. *N = 296 organizações. A pergunta solicitava a indicação de até três opções prioritárias. A base contém registros com mais de três seleções; por isso, os resultados representam a frequência com que cada interlocutor foi indicado e não devem ser interpretados como um ranking produzido sob aplicação uniforme do limite de três escolhas.*

Recursos mais valiosos trazidos ao ecossistema

Recurso	Organizações	%
Comunidades de Pessoas Idosas	167	56,42%
Conteúdo	165	55,74%
Qualificação de Pessoas	161	54,39%
Cursos e Formação	159	53,72%
Pedagogia/Metodologia	151	51,01%
Rede(s)	146	49,32%
Eventos para o Ecossistema	113	38,18%
Pesquisa	103	34,80%
Tecnologia	99	33,45%
Capilaridade no Território Brasileiro	70	23,65%
Métodos de Avaliação e Indicadores	64	21,62%
Financiamento	11	3,72%

Tabela 19. Recursos Mais Valiosos Trazidos ao Ecossistema. *Pergunta de múltipla escolha. N = 296 organizações; 1.409 indicações; média de 4,76 recursos por organização. Os percentuais não totalizam 100%.*

Fontes de financiamento no momento

Fonte	Organizações	%
Não temos financiamento	101	34,12%
Venda de serviços	94	31,76%
Recursos públicos	77	26,01%
Parcerias corporativas	69	23,31%
Doações	60	20,27%
Fundos das Pessoas Idosas	48	16,22%
Incentivos Fiscais	41	13,85%
Investimento de impacto	20	6,76%
Outras fontes	20	6,76%
Fundos internacionais	12	4,05%

Tabela 20. Fontes de Financiamento no Momento. *Pergunta de múltipla escolha. Percentuais calculados sobre as 296 organizações e, por isso, não totalizam 100%.*

Maior desafio da iniciativa ou organização

Desafio	Organizações	%
Captação de recursos	145	48,99%
Escalabilidade	45	15,20%
Falta de visibilidade	32	10,81%
Engajamento de público	23	7,77%
Mensuração de impacto	23	7,77%
Outros	19	6,42%
Barreiras legais/políticas	6	2,03%
Acesso à tecnologia	3	1,01%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 21. Maior Desafio da Iniciativa ou Organização. *Pergunta de escolha única. N = 296 organizações.*

Redes e coalizões

Rede ou espaço de conexão	Organizações	%
Redes acadêmicas ou universitárias	136	45,95%
Redes de impacto social	133	44,93%
Redes comunitárias	129	43,58%
Redes de conteúdo	110	37,16%
Outras redes e conexões	96	32,43%
Fóruns intergeracionais	76	25,68%
Coalizões de políticas públicas	74	25,00%
Não no momento, mas gostaria	38	12,84%
Não	18	6,08%

Tabela 22. Redes e Coalizões. *Pergunta de múltipla escolha. Percentuais calculados sobre as 296 organizações e, por isso, não totalizam 100%.*

Participação em grupos de WhatsApp sobre longevidade

Resposta	Organizações	%
Sim	195	65,88%
Não	101	34,12%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 23. Participação em Grupos de WhatsApp sobre Longevidade. *N = 296 organizações.*

Principal barreira para o desenvolvimento do ecossistema

Barreira	Organizações	%
Colaboração entre setores	105	35,47%
Percepção pública sobre longevidade e envelhecimento	86	29,05%
Disponibilidade de recursos financeiros	64	21,62%
Regulações e políticas públicas	18	6,08%
Recursos humanos qualificados	9	3,04%
Acesso a conhecimento e pesquisa	6	2,03%
Acesso e adoção de tecnologia digital	6	2,03%
Nenhuma das opções	2	0,68%
Total	**296**	**100,00%**

Tabela 24. Principal Barreira para o Desenvolvimento do Ecossistema. *Pergunta de escolha única. N = 296 organizações.*

6. Pergunta que o Ecossistema já respondeu

Essa seção parte de uma pergunta aberta ***"De que maneira os diferentes setores da sociedade podem ampliar acesso, qualidade de vida e oportunidades, considerando a diversidade das velhices no Brasil?"***. Foram ouvidas 253 respostas transcritas para análise em codificação temática construída em camadas sucessivas de verificação de marcadores linguísticos explícitos no texto e seguida de análise interpretativa. Enquanto a Seção 5 desse relatório mostra que a colaboração entre setores é a principal barreira percebida para o desenvolvimento do ecossistema (35,47%). Esta pergunta aberta mostra permite acessar os porquês a partir da perspectiva das organizações mapeadas.

O ponto de partida: reconhecer que não existe uma única velhice

Antes de propor qualquer solução, 28,5% das 253 organizações (72 respostas) reconhecem espontaneamente que não existe uma forma única de envelhecer no Brasil — princípio compatível com a diversidade territorial observada na Seção 2, em que 295 organizações informaram atuação distribuída por 228 municípios, incluindo contextos amazônicos, rurais, quilombolas e periféricos. Aqui, porém, trata-se de um conteúdo explicitamente formulado pelas organizações respondentes, e não de uma inferência sobre o conjunto do ecossistema:

> **"O primeiro passo é entender que não existe uma única velhice no Brasil. Envelhecer em São Paulo é diferente de envelhecer no interior do Nordeste; envelhecer sendo mulher, negra, periférica, de baixa renda também traz desafios muito diferentes de uma velhice mais abastada."** — Vida60+Expo, Setor Privado: Empresa · Pernambuco

Esse reconhecimento não é um detalhe retórico: é a porta de entrada pela qual a maioria das organizações justifica, em seguida, por que a resposta ao problema não pode vir de um único setor agindo sozinho — o que leva ao achado central desta seção.

O achado central: consciência sistêmica é abundante; mecanismo é raro

Entre as 253 respostas, 75 (29,6%) nomeiam espontaneamente três ou mais setores diferentes como corresponsáveis — tipicamente poder público, setor privado, academia e sociedade civil. Analisando esse universo de 75 respostas, um padrão em três camadas se revela: 55 delas (73,3%) articulam alguma lógica de interdependência entre os setores, reconhecendo que um depende do outro para que a solução funcione. Dentro desse grupo, porém, a grande maioria — 46 respostas, ou 61,3% do total de 75 — fica no nível genérico, com expressões como "trabalhar juntos" ou "atuação integrada", sem detalhar quem faria o quê nem como. Apenas 9 respostas (12,0%) chegam a nomear um mecanismo institucional específico — um ator que convoca, uma estrutura que sustenta, uma regra que organiza a colaboração. As 20 respostas restantes (26,7%) não alcançam a premissa da interdependência: listam os papéis de cada setor lado a lado, sem conectá-los.

O desafio não é a ausência de consciência sistêmica — quase três em cada quatro organizações que nomeiam múltiplos setores já entendem que esses setores dependem uns dos outros.

> **"Promover a longevidade no Brasil exige uma atuação integrada entre saúde, assistência social, educação, setor privado, universidades, organizações da sociedade civil e o poder público. Cada pessoa envelhece de uma forma, por isso precisamos reconhecer a diversidade das velhices e construir soluções que respeitem diferentes realidades sociais, culturais e econômicas."** — ILPI Santo Antônio, Setor Privado: Empresa · Pernambuco

É o passo seguinte, como ilustrado abaixo, que se mostra mais raro na análise: nomear um mecanismo institucional específico, não apenas a intenção de colaborar.

> **“As empresas concorrentes muitas vezes colaboram em temas pré-competitivos como padrões técnicos, infraestrutura, dados setoriais, capacitação, segurança, sustentabilidade e mesmo regulamentação. Algo semelhante podia acontecer no campo da longevidade [...] No terceiro setor, no mundo acadêmico, ainda é comum que as instituições disputem protagonismo, verbas, visibilidade e autoria, mesmo quando atuam sobre problemas que exigem atuação conjunta. Essa fragmentação reduz escala, enfraquece evidências, dispersa recursos e dificulta a construção de uma agenda pública consistente.”** — Instituto Brasil 50 Mais, OSC formalizada sem fins lucrativos · São Paulo
>
> **“Somente por meio de uma governança em rede, onde o Ministério Público atua como indutor de cooperação entre o Estado, as empresas e a sociedade [...]”** — Encontro Geracional, Setor Público · Pernambuco
>
> **“[...] o fortalecimento dos conselhos e dos fundos de direitos da pessoa idosa é um caminho extremamente importante [...] a intersetorialidade, exatamente por entender que necessitamos de todos nessa construção.”** — Rede Unides – Universidades na Década do Envelhecimento Saudável, Academia · Minas Gerais

Essa assimetria — 73,3% reconhecem a interdependência, mas apenas 12,0% chegam a nomear um mecanismo institucional — dialoga com o tensionamento quantitativo observado na Seção 5: diferentes modalidades de redes e canais de conexão apresentam presença expressiva na base, enquanto 35,47% apontam a colaboração entre setores como a principal barreira para o desenvolvimento do ecossistema. A pergunta aberta ajuda a localizar, entre as 75 respostas que nomeiam três ou mais setores, uma lacuna específica: não na percepção de que a colaboração é necessária, mas na menor frequência com que são descritos mecanismos institucionais concretos capazes de sustentá-la.

> **TAKE AWAY — Entre as respostas analisadas, a necessidade de articulação é reconhecida; mecanismos concretos aparecem com menor frequência. Quando convidadas a responder livremente, as organizações reconhecem a diversidade das velhices brasileiras como ponto de partida (28,5%) e majoritariamente articulam alguma lógica de por que os setores dependem uns dos outros (73,3% das que nomeiam múltiplos setores). O gargalo está numa camada mais fina: apenas 12,0% descrevem um mecanismo institucional específico — um ator que convoca, uma estrutura que sustenta, uma regra que organiza — em vez de permanecer na aspiração genérica de “atuação integrada”. Essa leitura é exploratória, mas desloca a pergunta-chave do Mapeamento 2026: não é se os setores devem colaborar, nem por que — isso o próprio ecossistema já responde. A pergunta em aberto é que estrutura institucional concreta converteria essa consciência compartilhada em ação coordenada.**

7. Perguntas Norteadoras para o Avanço do Ecossistema

Os resultados do Mapeamento 2026 não apenas descrevem o ecossistema de inovação social em longevidade, mas revelam tensões que podem orientar sua próxima etapa de desenvolvimento. As perguntas abaixo emergem da aproximação entre diferentes resultados da pesquisa e não pressupõem respostas únicas. Elas propõem uma agenda para organizações, financiadores, empresas, governos, academia, redes e demais atores interessados em ampliar a capacidade coletiva de transformação do campo.

1. Como transformar um ecossistema altamente conectado em um ecossistema efetivamente colaborativo?

Diferentes modalidades de redes apresentam presença expressiva na base, 65,88% das organizações participam de grupos de WhatsApp dedicados à longevidade e 49,32% identificam Redes como recurso que podem trazer para o ecossistema. Ainda assim, Colaboração entre Setores é apontada como a principal barreira para o desenvolvimento do campo (35,47%). O que falta entre estar conectado e conseguir construir agendas, combinar recursos e agir conjuntamente?

2. Como mobilizar os ativos já existentes no ecossistema antes de criar novas estruturas ou soluções?

Comunidades de Pessoas Idosas (56,42%), Conteúdo (55,74%), Qualificação de Pessoas (54,39%), Cursos e Formação (53,72%), Pedagogias/Metodologias (51,01%) e Redes (49,32%) estão amplamente distribuídos entre as organizações. Como tornar esses recursos mais visíveis, acessíveis e combináveis para que capacidades existentes em uma organização possam fortalecer outras e ampliar o impacto coletivo?

3. Como construir mecanismos de financiamento compatíveis com um ecossistema que possui capacidades, mas pouco capital disponível para compartilhar?

Financiamento é indicado como recurso trazido ao ecossistema por apenas 3,72% das organizações; 34,12% declaram não possuir financiamento no momento; e Captação de recursos é o principal desafio organizacional para 48,99%. Que modelos de financiamento poderiam fortalecer organizações e, ao mesmo tempo, incentivar colaboração, experimentação, disseminação e transformação sistêmica?

4. Como responder de maneira diferente aos desafios das organizações e aos desafios do ecossistema?

Quando olham para sua própria organização, 48,99% identificam Captação de recursos como principal desafio. Quando olham para o ecossistema, Colaboração entre setores (35,47%) e Percepção Pública sobre Longevidade e Envelhecimento (29,05%) aparecem antes de Recursos Financeiros (21,62%). Que estratégias precisam ser dirigidas à sustentabilidade de cada organização e quais exigem infraestrutura, coordenação e investimento no campo como um todo?

5. Como avançar de uma identidade de impacto para uma cultura compartilhada de evidências e aprendizagem — e compreender sua relação com o acesso a financiamento?

O impacto social aparece como elemento identitário fortemente compartilhado: 97,64% das organizações afirmam gerá-lo. Entretanto, 40,88% utilizam métodos ou ferramentas para

mensuração e 43,92% ainda não medem, mas gostariam. Métodos de Avaliação e Indicadores são oferecidos como recurso ao ecossistema por 21,62%, enquanto Métricas é escolhida como principal dimensão de transformação sistêmica por apenas 2,36%. Um cruzamento dos dados acrescenta uma nova questão: entre as organizações que mensuram impacto, 15,70% declaram não possuir financiamento, frente a 46,86% entre aquelas que não mensuram. As organizações que medem também apresentam maior presença em diferentes fontes de financiamento. Como fortalecer capacidades de mensuração e produção de evidências, compreender sua relação com o acesso a recursos e, ao mesmo tempo, evitar que exigências de mensuração se tornem uma barreira adicional para organizações menores ou menos estruturadas?

6. Como reconhecer e mensurar formas de impacto que ultrapassam o atendimento direto?

O alcance indireto é menos frequentemente mensurado ou informado (25,34%) do que o direto (17,57%), ao mesmo tempo que 61,15% das organizações afirmam já ter contribuído ou influenciado políticas públicas. Conteúdos, metodologias, formação, pesquisa, redes e eventos também estão entre os recursos produzidos pelo ecossistema. Como capturar circulação de conhecimento, mudança de práticas, influência em políticas, transformação de narrativas, replicação de metodologias e fortalecimento de outros atores como dimensões de impacto?

7. Como fazer da intergeracionalidade uma prática transformadora, e não apenas a presença simultânea de diferentes gerações?

Conexão Social e Colaboração Intergeracional é prioridade para 86,15% das organizações, Intergeracionalidade é frente de inovação para 54,05% e 89,86% afirmam promover interação entre diferentes gerações. Crianças, jovens, adultos e pessoas idosas aparecem entre os públicos. Que tipos de interação efetivamente redistribuem papéis, conhecimento, poder e capacidade de contribuição entre gerações?

8. Como avançar de iniciativas feitas “para” pessoas idosas para modelos construídos cada vez mais “com” elas?

Pessoas 60+ são público de 90,88% das organizações, mas também aparecem como colaboradores ou funcionários em 57,09% e voluntários em 54,39%; Protagonismo 60+ é frente de inovação para 41,55%. Como ampliar agência, voz, participação nas decisões e reconhecimento da contribuição das pessoas mais velhas, para além de sua presença como beneficiárias, trabalhadoras ou voluntárias?

9. Como transformar narrativas sobre envelhecimento quando a percepção pública é, simultaneamente, objeto da transformação e barreira para que ela aconteça?

Combate ao Idadismo e Transformação das Narrativas é prioridade para 81,42% das organizações; Educação sobre Envelhecimento é a frente de inovação mais presente (65,88%); a dimensão Cultural é a principal transformação sistêmica esperada (41,55%). Ao mesmo tempo, Percepção Pública sobre Longevidade e Envelhecimento é a segunda principal barreira ao desenvolvimento do ecossistema (29,05%). Como passar de ações dispersas de sensibilização para mudanças culturais capazes de alterar expectativas, comportamentos, práticas institucionais e papéis atribuídos às pessoas ao longo da vida?

10. Como fazer da diversidade territorial uma fonte de aprendizagem e inovação para todo o ecossistema?

A amostra é geograficamente concentrada, mas alcança organizações inseridas em contextos socioculturais muito distintos — de grandes centros e periferias urbanas a territórios rurais,

amazônicos e ribeirinhos. Como conectar soluções enraizadas nesses territórios sem descontextualizá-las, permitindo que conhecimentos locais circulem e inspirem outras respostas sem pressupor que uma solução possa simplesmente ser transferida de um contexto para outro?

Uma pergunta-síntese

As tensões identificadas pelo Mapeamento convergem para uma questão que pode orientar a próxima etapa do ecossistema:

Se já existem atores, conhecimento, comunidades, metodologias, soluções e conexões, o que precisa mudar para que essa capacidade distribuída se converta em maior capacidade coletiva de transformação?

8. Encerramento e Agradecimentos

O Mapeamento continua

Este relatório não encerra o Mapeamento 2026. Ele inaugura uma estratégia de cauda longa, na qual dados, vozes e aprendizados continuarão sendo explorados e devolvidos ao ecossistema ao longo do tempo.

Nos próximos meses, uma série de conteúdos, encontros e análises aprofundará diferentes camadas do estudo: Escuta de Atores-Chave e Perspectivas Setoriais; Pessoas e Organizações Mais Inspiradoras para o Ecossistema; Escuta de Barreiras e Contribuições; Projeções para o Ecossistema — uma visão de cinco anos; Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade da Ashoka; e principais destaques e inovações identificados no ecossistema.

Mais do que publicar um retrato em um único momento, a proposta é manter o Mapeamento vivo e acionável: fazer circular evidências, dar visibilidade a experiências inspiradoras, incorporar novas perspectivas e criar oportunidades para que atores de diferentes setores se reconheçam, se encontrem e construam respostas conjuntamente. Essa continuidade está alinhada ao próprio propósito do Mapeamento 2026 de produzir evidências e promover conexão e colaboração entre os atores do ecossistema.

Agradecimentos

O Mapeamento do Ecossistema de Inovação Social em Longevidade 2026 é uma construção coletiva. O Lab Nova Longevidade e a Ashoka agradecem especialmente ao Instituto Beja, RD Saúde e Itaú Viver Mais, apoiadores que tornam possível o desenvolvimento desta agenda, e à Rede de Impacto do Mapeamento 2026, que contribuiu para ampliar a chamada, alcançar novos atores e fortalecer a diversidade de vozes presentes nesta edição.

Integraram essa rede: Ampid, Fórum Gerações e Futuro do Trabalho, Maria Farinha Filmes, MPPE/Núcleo da Pessoa Idosa, Plataforma Longeviver, Portal do Envelhecimento e Longeviver e Rede Longevidade.

Nosso agradecimento se estende, sobretudo, às 296 organizações e iniciativas mapeadas. Ao compartilharem seus trabalhos, desafios, recursos, aprendizados e perspectivas, elas não apenas responderam a uma pesquisa: contribuíram para construir uma inteligência coletiva sobre o presente e o futuro da Nova Longevidade no Brasil.

O mapa não termina quando encontramos os atores.
É quando eles conseguem se encontrar que uma nova etapa começa.

9. Anexo: Notas Metodológicas

Coleta e composição da amostra

O Mapeamento do Ecossistema de Inovação Social em Longevidade 2026 foi realizado por meio de chamada aberta a organizações e iniciativas de diferentes setores que contribuem para transformar o modo como envelhecemos no Brasil. A chamada ficou aberta de 3 de junho a 24 de julho de 2026 e foi divulgada pelas redes sociais da Ashoka, dos apoiadores e da Rede de Impacto do Mapeamento 2026, formada pelas organizações reconhecidas nos agradecimentos deste relatório. Ao final do período, 296 organizações e iniciativas integraram a base analisada. A participação foi voluntária e a amostra não pretende ser estatisticamente representativa do universo de organizações que atuam com longevidade no Brasil.

Instrumento de coleta

A coleta foi realizada por meio de formulário estruturado na plataforma Corre.Social, composto por 45 perguntas, majoritariamente fechadas e de múltipla escolha, além de perguntas abertas. O instrumento reuniu informações sobre perfil e território de atuação, natureza institucional, públicos, impacto e mensuração, financiamento, desafios, recursos, frentes de inovação, transformação sistêmica, redes, conexões e percepções sobre o ecossistema. Sua construção foi orientada pelos princípios de Nova Longevidade, pelos referenciais de inovação social da Ashoka e pela Arquitetura de Transformação Sistêmica em Nova Longevidade.

Tratamento e análise dos dados

As perguntas fechadas foram analisadas por frequências e percentuais. Nas perguntas de múltipla escolha, os percentuais apresentados nos relatórios correspondem à proporção das 296 organizações que selecionou cada alternativa e, por isso, sua soma pode ultrapassar 100%. Questões territoriais também podem gerar mais de uma ocorrência por organização. Respostas inseridas em campos abertos associados a categorias fechadas foram revisadas e, quando apresentavam correspondência direta e inequívoca com categorias existentes, puderam ser reclassificadas. Cruzamentos entre perguntas foram utilizados para identificar associações, convergências, contrastes e tensionamentos, sem estabelecer relações de causalidade.

Análise qualitativa

As respostas abertas foram analisadas qualitativamente para identificar temas, padrões, recorrências, diferenças e perspectivas presentes nas respostas das organizações. Quando pertinente, foram utilizadas codificação temática, categorização e sistematização com apoio de Inteligência Artificial, seguidas de revisão humana. A análise qualitativa foi utilizada para complementar e aprofundar a leitura dos dados quantitativos e subsidiar diferentes relatórios e produtos derivados do Mapeamento.

Diagnóstico e recomendações de conexão

Os dados coletados também foram utilizados para gerar devolutivas às organizações participantes. Cada organização recebeu um Diagnóstico de Inovação Social apoiado por Inteligência Artificial, desenvolvido a partir das informações fornecidas no formulário e dos referenciais de inovação social da Ashoka, Nova Longevidade e transformação sistêmica. O diagnóstico foi concebido como instrumento de reflexão, e não como certificação ou avaliação.

As organizações receberam ainda recomendações de conexões estratégicas, produzidas com apoio de IA a partir da base do Mapeamento. Para identificar possíveis complementaridades, foram considerados os interesses de conexão declarados pelas organizações, suas frentes de atuação, os recursos que poderiam aportar ao ecossistema, localização e escala territorial e outras informações fornecidas no formulário. As recomendações tiveram como objetivo facilitar aproximações entre atores com interesses, capacidades ou necessidades complementares, sem pressupor que a conexão resultaria necessariamente em colaboração.

Princípios de Design e curadoria de iniciativas

Os Princípios de Design foram construídos a partir da leitura qualitativa das iniciativas mapeadas, buscando transformar experiências concretas em aprendizados que possam inspirar outras soluções. A curadoria considerou a aderência à frente de inovação, a clareza da solução e de sua contribuição, elementos de inovação e transformação sistêmica, o potencial de aprendizagem para o ecossistema e a diversidade de abordagens e territórios. Sempre que possível, buscou-se também dar visibilidade a iniciativas ainda não destacadas no Mapeamento de 2024. Os Princípios de Design não constituem critérios de avaliação, certificação, prescrição ou ranking das organizações.

As frentes de inovação consideradas foram: Educação sobre envelhecimento – Inclusão Produtiva – Protagonismo 60+ – Promoção de saúde integral – Saúde Social – Economia do Cuidado – Educação financeira – Inclusão digital – Intergeracionalidade – Acessibilidade e Mobilidade – Estudos, pesquisas e indicadores sobre longevidade.

Consentimentos

Antes das perguntas abertas finais, o formulário solicitou que cada participante registrasse seus consentimentos. Foram apresentadas quatro autorizações independentes: “Eu autorizo o compartilhamento dos dados fornecidos aqui nas publicações com os resultados do Mapeamento”; “Eu autorizo a divulgação do e-mail informado para contato no relatório e site do Mapeamento”; “Eu autorizo contato por parte dos realizadores e apoiadores do Mapeamento”; e “Eu tenho disponibilidade para participar de entrevistas complementares”. Os usos dos dados e informações de contato observaram os consentimentos registrados por cada participante.

Uso de Inteligência Artificial

A Inteligência Artificial foi utilizada como ferramenta de apoio, principalmente na elaboração dos diagnósticos individuais, nas recomendações de conexão e em etapas de classificação, sistematização e análise qualitativa dos dados. As definições metodológicas, critérios de análise, interpretações e conteúdos publicados nos relatórios foram submetidos a curadoria e revisão humana pelo Lab Nova Longevidade.

Reprodução integral do Questionário do Mapeamento 2026

1. Nome da iniciativa ou organização
2. Informe o nome completo da pessoa responsável
3. Informe um email de contato. Digite com atenção! Esse email será usado para enviar as devolutivas do mapeamento.
4. Informe um telefone de contato
5. Informe o site da iniciativa ou organização (se houver)
6. Informe o Instagram da iniciativa ou organização (se houver)
7. Informe o TikTok da iniciativa ou organização (se houver)
8. Informe o LinkedIn da iniciativa ou organização (se houver)
9. Informe o Facebook da iniciativa ou organização (se houver)
10. Informe o X (ex-Twitter) da iniciativa ou organização (se houver)
11. Descreva brevemente sua iniciativa ou organização (esse texto será replicado no site do mapeamento)
12. Sua iniciativa ou organização já possui algum projeto, programa, política, produto ou serviço pensado especificamente para vidas mais longas e saudáveis que queira destacar? Se sim, qual?
13. Selecione todas as opções abaixo que representam temas prioritários na atuação da sua iniciativa ou organização:

- Criar oportunidades de contribuição e demanda por trabalho na longevidade
- Redesenhar sistemas de saúde e cuidado para uma vida longa e saudável
- Promover conexão social e colaboração intergeracional
- Combater o idadismo e transformar narrativas sobre o envelhecimento
- Nenhum dos temas acima é prioritário

14. Em qual região do Brasil sua iniciativa/organização está sediada?

- Norte
- Nordeste
- Centro-Oeste
- Sudeste
- Sul

15. Em qual Estado?
16. Em que Cidade?
17. Sua iniciativa/organização atua em quais escalas geográficas? (marque todas que se aplicam)

- Local (cidade/bairro)
- Regional (estado/região)
- Nacional (Brasil)
- Internacional (Outros países além do Brasil)

18. Qual é a categoria que melhor representa sua iniciativa/organização?

- Organização da Sociedade Civil Não-Formalizada (sem CNPJ)
- Organização da Sociedade Civil Formalizada (com CNPJ) SEM fins lucrativos
- Organização da Sociedade Civil Formalizada (com CNPJ) COM fins lucrativos
- Setor Privado: Empresa
- Setor Privado: Negócio de Impacto
- Setor Privado: Startup
- Setor Privado: Aceleradora/Incubadora de Agetechs
- Setor Público
- Conselho das Pessoas Idosas
- Sistema S
- Academia: Instituição de Ensino e Pesquisa
- Academia: Grupo ou Núcleo de Pesquisa
- Academia: Universidade Aberta da Terceira Idade
- Academia: Pesquisador ou Pesquisadora
- Produtor de Conteúdo e/ou Mídia
- Sou influenciador(a) digital
- Sou influenciador(a) digital 60+
- Quero me cadastrar como indivíduo (sou ativista, prestador individual de serviço, outros)
- Quero me cadastrar como Filantropia

19. Em qual ano sua iniciativa/organização iniciou suas atividades?
20. Quem são os principais beneficiários de suas ações? (marque todas que se aplicam)

- Pessoas Idosas 80+
- Pessoas Idosas 60+
- Adultos
- Jovens
- Crianças
- Cuidadores familiares
- Comunidades vulneráveis
- Organizações parceiras
- Outro

21. Sua iniciativa/organização promove interação entre diferentes gerações?

- Sim
- Não

22. Sua iniciativa/organização tem funcionários 60+? Sim/Não
23. Sua iniciativa/organização conta com trabalho de voluntários 60+? Sim/Não
24. Sua iniciativa/organização gera impacto social? Sim/Não
25. Quantas pessoas já foram impactadas diretamente pela sua iniciativa/organização?

- Até 500
- 500 - 1.000
- Mais de 1.000
- Mais de 5.000
- Mais de 10.000
- Não mensurado / Não sei informar
- Pergunta não se aplica ao meu caso

26. Quantas pessoas já foram impactadas indiretamente pela sua iniciativa/organização?

- Até 500
- 500 - 1.000
- Mais de 1.000
- Mais de 5.000
- Mais de 10.000
- Não mensurado / Não sei informar
- Pergunta não se aplica ao meu caso

27. Sua iniciativa/organização utiliza algum método ou ferramenta para medir impacto?

- Sim
- Não
- Não mede, mas gostaria

28. Sua iniciativa/organização já influenciou ou contribuiu com alguma política pública? Sim/Não
29. De maneira geral, qual o maior desafio para sua iniciativa/organização hoje?

- Captação de recursos
- Falta de visibilidade
- Escalabilidade
- Barreiras legais/políticas
- Acesso à tecnologia
- Engajamento de público
- Mensuração de impacto
- Outro

30. Quais são suas principais fontes de financiamento no momento? Selecione TODAS as opções aplicáveis.

- Recursos públicos
- Incentivos Fiscais
- Fundos internacionais
- Fundos das Pessoas Idosas
- Doações
- Investimento de impacto
- Venda de serviços
- Parcerias corporativas
- Não temos financiamento
- Outro

31. Quais são os recursos mais valiosos que sua iniciativa/organização traz para o Ecossistema de Longevidade? Marque TODAS as opções aplicáveis.

- Tecnologia
- Pedagogia/Metodologia
- Pesquisa
- Métodos de Avaliação e Indicadores
- Rede(s)
- Capilaridade no Território Brasileiro
- Qualificação de Pessoas
- Financiamento
- Comunidades de Pessoas Idosas
- Conteúdo
- Cursos e Formação
- Eventos para o Ecossistema

32. Sua iniciativa/organização entrega uma solução inovadora em quais dessas frentes?

- Educação sobre envelhecimento: combate ao idadismo, conteúdos qualificados, novas narrativas para longevidade
- Inclusão Produtiva: requalificação profissional, empregabilidade, empreendedorismo, modelos flexíveis, formação de RHs
- Protagonismo 60+: voluntariado e participação cívica
- Promoção de saúde integral: ampliação de acesso, autocuidado, saúde física, saúde cognitiva, saúde mental, doenças crônicas, práticas integrativas, prescrição social, formação de geriatras e gerontólogos
- Saúde Social: combate ao isolamento, ampliação de conexões sociais e redes comunitárias
- Economia do Cuidado: qualificação de cuidadores, suporte para cuidadores familiares, gestão de cuidado, advocacy
- Educação financeira: microcrédito, prevenção de golpes e fraudes, desenho de interface, produtos e serviços considerando as necessidades de pessoas idosas e a perspectiva de vidas mais longas
- Inclusão digital: educação midiática, combate à desinformação e polarização, acesso, habilidades digitais, ampla participação digital
- Intergeracionalidade: troca de saberes entre gerações, mentorias, oportunidade de colaboração, convívio e conexões significativas
- Acessibilidade e Mobilidade: novas formas de moradia, adaptação da casa, ambientes amigos de todas as idades
- Estudos, pesquisas e indicadores sobre longevidade
- Nenhuma das opções
- Outro

33. Se você tivesse a oportunidade de fazer uma reunião para apresentar sua iniciativa/organização amanhã, com quem seria? Marque ATÉ 3 OPÇÕES que seriam prioritárias.

- Empreendedores Sociais
- Organizações da sociedade civil
- Filantropos
- Setor público/órgãos públicos
- Setor privado / empresas
- Mídia e Produtores de Conteúdo
- Redes internacionais
- Pesquisadores/universidades
- Grupos de pessoas idosas
- Influenciadores 60+

34. Se sua iniciativa/organização obtiver sucesso, qual dessas dimensões ela terá ajudado a transformar? Marque a opção mais relevante.

- Dimensão Política – Apoiando todas as pessoas a reconhecerem e exercerem sua influência política e participação cidadã ao longo de toda a vida.

- Dimensão Cultural – Transformando percepções, narrativas e ambientes para apoiar o envelhecimento saudável e o protagonismo transformador ao longo da vida.
- Dimensão Legal – Formulando ou influenciando políticas públicas para incorporar vidas mais longas à sociedade reconhecendo a agência transformadora de todas as gerações ao longo de toda a vida.
- Dimensão Econômica – Criando demanda por contribuição ao longo da vida por meio de novos incentivos, ajustes tributários e oportunidades de trabalho (emprego, empreendedorismo, voluntariado, cuidado, mentoria).
- Dimensão de Métricas – Desenvolvendo, adotando e disseminando métricas que evidenciem o valor da contribuição ao longo da vida em termos de saúde, economia e impacto social.
- Dimensão Organizacional – Construindo ambientes amigáveis para todas as gerações (físicos, sociais e digitais) que permitam às pessoas aprender, liderar e contribuir ao longo da vida.
- Dimensão Tecnológica – Promovendo letramento digital, acesso e inclusão para ampliar as oportunidades de participação e de influência na sociedade ao longo da vida.
- Nenhuma das opções acima

35. Na sua avaliação, qual é a principal barreira para o desenvolvimento do Ecossistema de Inovação Social em Longevidade brasileiro?

- Disponibilidade de recursos financeiros
- Colaboração entre setores (governo, mercado, academia, sociedade civil, mídia)
- Percepção pública sobre a longevidade e o envelhecimento
- Regulações e políticas públicas
- Disponibilidade de recursos humanos qualificados
- Acesso a conhecimento e pesquisa
- Nível de acesso e adoção de tecnologia digital no Brasil
- Nenhuma das opções acima

36. Sua iniciativa/organização está conectada a redes ou coalizões? Marque TODAS que se aplicam.

- Redes comunitárias
- Redes acadêmicas ou universitárias
- Coalizões de políticas públicas
- Fóruns intergeracionais
- Redes de impacto social
- Redes de conteúdo (mídias, blogs, etc.)
- Outras redes e conexões
- Não
- Não no momento, mas gostaria

37. Você participa de algum grupo de WhatsApp dedicado ao tema da Longevidade no Brasil?

- Sim
- Não

38. Qual é a pessoa ou organização que mais inspira você quando o assunto é longevidade no Brasil?

39. Você gostaria de informar o link de acesso para algum relatório, estudo, artigo ou matéria na imprensa sobre sua iniciativa ou organização? Se sim, copie e cole o link abaixo.
40. Para terminar, teremos 4 perguntas abertas. Mas antes, confirme seus consentimentos.

- Eu autorizo o compartilhamento dos dados fornecidos aqui nas publicações com os resultados do Mapeamento
- Eu autorizo a divulgação do e-mail informado para contato no relatório e site do Mapeamento
- Eu autorizo contato por parte dos realizadores e apoiadores do Mapeamento
- Eu tenho disponibilidade para participar de entrevistas complementares

41. O que em nossa sociedade impede pessoas de se manterem saudáveis, independentes, produtivas e em constante desenvolvimento ao longo da vida?
42. Como sua iniciativa ou organização contribui para que pessoas se mantenham saudáveis, independentes e produtivas ao longo da vida?
43. O que mudará na sociedade em 5 anos se sua iniciativa ou organização obtiver sucesso?
44. Como diferentes setores podem ampliar acesso, qualidade de vida e oportunidades, considerando a diversidade das velhices no Brasil?
45. Para terminar: forneça um email alternativo para contato ou repita o email informado anteriormente.

Lab Nova Longevidade

Realização:

ASHOKA

Apoio:

Instituto Beja®

RD saúde

Itaú viver mais